

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
INSTITUTO DE SAÚDE E SOCIEDADE

GABRIELA BORGES BATISTA

**AS MÁSCARAS BRANCAS E O FALSO SELF: ENCRUZILHADAS ENTRE
FANON E WINNICOTT**

SANTOS

2022

GABRIELA BORGES BATISTA

**AS MÁSCARAS BRANCAS E O FALSO SELF: ENCRUZILHADAS ENTRE
FANON E WINNICOTT**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Deivison Mendes Faustino.

SANTOS

2022

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B333m Batista, Gabriela Borges.
As Máscaras Brancas e o Falso Self: Encruzilhadas
entre Fanon e Winnicott. / Gabriela Borges Batista;
Orientador Deivison Mendes Faustino. -- Santos, 2022.
65 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Psicologia) -- Instituto Saúde e
Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2022.

1. Raça. 2. Relações étnico-raciais. 3.
Psicanálise. 4. Fanon. 5. Winnicott. I. Faustino,
Deivison Mendes, Orient. II. Título.

CDD 150

GABRIELA BORGES BATISTA

**AS MÁSCARAS BRANCAS E O FALSO SELF: ENCRUZILHADAS ENTRE
FANON E WINNICOTT**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Deivison Mendes Faustino.

Presidente da Banca: Prof. Dr. Deivison
Mendes Faustino.

Aprovado em: 21/07/2022

Nome da (do) parecerista: Prof. Dr. Daniel Péricles Arruda.

Nome da (do) parecerista: Prof. Ms. Claudio Ramos

Dedicatória

(...) Meus olhos te ofereço:
Espelho para a face
Que terás, no meu verso,
Quando, depois que passes,
jamais ninguém te esqueça (...).

Cecília Meireles.

Este trabalho é dedicado às queridas memórias de minha prima, Isabelli Borges Valentim, e minha tia, Silvana Borges Barbosa de Souza.

São nas marcas de carinho e afeto que tive a honra de poder partilhar durante a jornada de ambas que encontro acalanto para a saudade que sinto de suas excepcionais gargalhadas que costumavam preencher as festas de fim de ano, e que, hoje, seguem preenchendo meu coração.

Agradecimentos

Não poderia deixar de iniciar meus agradecimentos pelos meus pais, Luiz Carlos e Sílvia.

Seu Luiz, obrigada por todas as receitas preparadas com tanto carinho ao longo dos anos, por todos os quilômetros percorridos com segurança, pela companhia assistindo aos jogos de domingo e por me ensinar tantas maneiras diferentes de dizer que se ama alguém.

Dona Sílvia, obrigada por todos os bolos de cenoura com cobertura de chocolate cristalizada, pelos jogos com as gotinhas da janela do carro, pela paciência de me ensinar a ler, de me ensinar a tabuada e por me escutar cantando aquela música do Cocoricó 35 vezes ao dia. Obrigada, mãe, por, mesmo depois de todos esses anos, continuar me procurando pelos meus mapas.

Aos professores Deivison Faustino, Sidnei Casetto e Cristiane da Silva, pela orientação, troca, didática e escuta tão sensíveis ao longo desses anos de graduação. Por me mostrarem caminhos possíveis para uma academia e uma prática profissional que sejam mais éticas e verdadeiramente implicadas com a transformação social.

Ao grupo de estudos organizado pelo Prof. Deivison, pela imensa ajuda na organização deste trabalho e pela imensurável troca de conhecimentos ao longo desses últimos meses.

À extensão Juventudes&Funk da Baixada e ao Instituto Camará Calunga, por me ajudarem na deliciosa e angustiante descoberta de me fazer e entender psicóloga.

À Débora Silva Maria, fundadora do movimento Mães de Maio, por fazer uma pergunta a um grupo de recém ingressos na faculdade que mobilizou toda minha graduação, mobilizou a escrita deste trabalho e continuará mobilizando toda minha carreira.

Aos amigos que ganhei pelos mares de Santos, mas, em especial, às irmãs que ele me trouxe: Sabrina, Bruna, Maria, Rita, Bia, Lorena, Giovanna, Isa e Marina, pelo colo, os risos e por todos os momentos que me impulsionaram a ser uma mulher gigante e corajosa, pois, no cuidado da nossa amizade, ficou difícil se sentir

de qualquer outra forma. Feliz de saber que continuamos perto, ainda que não estejamos mais à algumas pedaladas de distância.

Às amigas de longa data Lanay e Priscila, por me mostrarem a coragem de um amor que se transforma junto com a vida.

Às moradoras da RepBobson, pela construção desse lar tão nosso. Em especial, cito novamente Sabrina, pela partilha de rotina, a paciência com meu tempo, a escuta sensível e por continuar me lembrando das coisas que importam.

Ao meu irmão Igor, pelo companheirismo e por todas as palhaçadas.

Por último, mas não menos importante, ao meu afilhado Lorenzo, por tanto me ensinar sobre cuidado e escuta.

Criar é uma palavra que deriva da criança

E essa criança quando acesa nos balança

E esse balanço faz o mundo estremecer

Criar, viver, nascer, morrer

Criar, viver, nascer, morrer

Criar, viver, nascer, morrer

Criar, viver, nascer, morrer

Brincar é uma palavra que deriva da esperança

E essa esperança quando vinga a gente alcança

A estratosfera do planeta que é você

Saci Wèrè; Esdras Nogueira.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende aproximar a noção do falso *self* que o autor Donald Woods Winnicott descreve no texto intitulado “Distorções do Ego em termos de falso e verdadeiro *self*” (1960), da análise psicológica que Frantz Omar Fanon (1925) faz da máscara branca no livro “Pele Negra, Máscaras Brancas”.

Essa categoria do falso *self* em Winnicott (1960;1964) exprime um fenômeno de clivagem de si que é relacionada à uma superadaptação exigida por um ambiente indiferente às necessidades do sujeito.

No que se refere a Fanon, temos em sua obra de 1925 a inauguração de sua análise sociogênica acerca da alienação do negro, na qual ele salienta os efeitos psicológicos e sociológicos de um desejo por uma máscara branca que é produzido pelas expedições colonialistas.

A partir disso, neste trabalho será feito o esforço teórico de elencar alguns pontos da análise fanoniana sobre os efeitos dos processos de racialização sob a subjetividade, tentando aproximá-los deste fenômeno de distorção do *self* descrito por Winnicott, para que assim possamos pensar possíveis aproximações e divergências em suas teses, nos preocupando em contribuir com debates que suscitem a construção de uma psicologia que esteja atenta para as clivagens de sujeitos culturais e psicológicos que se dão em contextos de discriminação racial e social.

Palavras-chave

Self; Fanon; Winnicott; Raça; Relações étnico-raciais.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	QUEM FOI FRANTZ OMAR FANON	20
2.1	Seus diálogos com a psicologia	27
3	QUEM FOI DONALD WOODS WINNICOTT	33
3.1	Seus diálogos com a psicologia e a psicanálise.....	37
4	DAS ENCRUZILHADAS ENTRE FANON E WINNICOTT	48
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
6.	REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

Quando Fanon (1952/2020) escreve que fugirá da cortesia de introduzir uma obra de psicologia pela metodologia utilizada, uma vez que os métodos acabam por voltarem-se contra si, e irá relegar essa tarefa àqueles que poderão se beneficiar desta, me lembro da aula inaugural de Winnicott que assisti há dois anos atrás, quando o professor nos conta que esse psicanalista disse que primeiro escreveria sobre o que via, depois se preocuparia em achar de onde estava tirando suas ideias (WINNICOTT, 1945/2000).

A partir daí começa meu interesse pelo autor, sua postura diante do que estava propondo em sua teoria me pareceu importante, tanto quanto a proposta em si. Winnicott estava interessado em desenvolver uma obra a partir de sua experiência, com uma linguagem própria (DIAS, 2002). Talvez por isso tenho a sensação, no que consegui ler até aqui, de que quem decidiu partilhar de suas hipóteses não tenha exatamente uma leitura unânime de sua obra (FERREIRA, 2004; GUIMARÃES & PODKAMENI, 2008; MAIA, 2019; PINTO & DA SILVA, 2018; SILVA, 2016;).

De qualquer forma, uma aposta do autor que me parece ser compartilhada por seus leitores, a qual me mobilizou e mobiliza vários sentidos, seja o da potência de desenvolvimento, a potência de vida, uma potência de mover-se em direção à saúde e organizar-se em um self verdadeiro. Para tanto, para sua investigação sobre as diferentes possibilidades de composição e desenvolvimento de um viver saudável, ele demonstra interesse pela experiência cultural, enquanto uma via possível pela qual este possa se dar (WINNICOTT, 1971/1975).

Para ele é uma vida que se sinta como própria que vale a pena de ser vivida, uma que seja marcada pela capacidade de enriquecer-se pela exploração do vínculo cultural, com o passado e com o futuro. No estudo da realidade interna com a vida externa depara-se com uma terceira área, de experimentação, um fenômeno universal que ele denomina enquanto espaço potencial¹. Neste espaço se dará a parte maior da experiência do bebê e, no decorrer dos anos, será conservado na experimentação intensa que diz respeito a todo viver criativo.

¹ *Ibidem.*

Ele afirma que é no brincar, e talvez apenas ali, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação. "Quando eu sou eu mesmo tudo é criativo" (WINNICOTT, 1971/1975, p.93). A criatividade, sob essa definição, se caracteriza enquanto um fazer que se constrói em consonância com o próprio Ser, em uma manutenção constante de uma percepção que se é conquistada na infância, a de que é possível criar o mundo.²

Essa aposta no viver criativo me soa interessante pois diz respeito à possibilidade de se ter autonomia de transformação da realidade, em contrapartida à uma posição submissa diante de um cenário que já esteja previamente estabelecido, ideia que carregaria consigo uma espécie de inutilidade do ser³. A esperança winnicottiana de que as experiências que dizem respeito ao self verdadeiro e à saúde se dão no encontro e na vida comunitária, talvez seja a proposta intuitiva que mais me chamou para estudar a obra deste autor.

Ainda que Winnicott (1964/2005) assuma que exista uma divisão do Self em termos de verdadeiro e falso, onde o primeiro corresponderia a um estado de manutenção dessa potência de criação do Ser em relação ao mundo, e o segundo a um estado de subjugação, também em relação do Ser para com o mundo, ele o faz sob termos de uma certa esperança em um amadurecimento emocional que vai se fazer em relação com a cultura, na medida em que assume que essa divisão do self, em um estado sadio, representa uma conquista do crescimento pessoal, que, necessariamente, se faz em conjunto com a vida comunitária e cultural.

No entanto, a aposta na exploração do vínculo cultural como forma de experimentação de si por meio de um viver criativo, por mais instigante que seja, me parece desconsiderar a relevância da experiência colonial na constituição da própria cultura e nas relações do homem moderno. Isso faz um certo sentido na medida em que compreendemos que Winnicott, ainda que tenha partido de uma construção um tanto singular, na qual *experiência*, *meio* e *cultura* tenham ganhado um espaço que até então não era encontrado na literatura psicanalítica, foi um homem de seu tempo que encontrou na psicanálise de Freud e Melanie Klein, um dos principais pilares de sustentação de seu trabalho (DIAS, 2002).

² (Ver mais WINNICOTT, 1970/2005).

³ *Ibidem*.

Nos primórdios dessa psicanálise clássica, ao pensarmos em Freud, por exemplo, um autor que se fez presente até os ossos de Winnicott, ecoando a incômoda curiosidade de Amendoeira (2020), chega ser um pouco estranho que na metapsicologia freudiana não se tenha destrinchado os impactos dos processos de racialização sobre a cultura e, conseqüentemente, na psique e em nossos dramas neuróticos, visto que o próprio Freud era um vienense judeu que foi violentamente perseguido pela Alemanha Nazista.

Por mais que Freud tenha sido um dos maiores investigadores dos desejos inconscientes, expandindo o lastro de críticas e análises possíveis à noção de racionalidade e do homem enquanto um ser indivisível, o autor deixou de qualificar em seus estudos esse ser do inconsciente enquanto um que se faz em uma cultura patriarcal, burguesa e branca, que promove um determinado estado de funcionamento mental (AMENDOEIRA, 2020). A morte do vienense nos tirou a possibilidade de saber se, como se pergunta a autora, teríamos tido um Freud mais atento para as experiências de discriminação, após sua condição de imigrante estrangeiro em Londres.

Segundo Dias (2002) quando pensamos nos autores pós freudianos, apesar dos novos desdobramentos da teoria psicanalítica, nem Klein, nem Lacan, nem mesmo o próprio Winnicott⁴, conseguiram constituir um novo paradigma, nos termos de Thomas Kuhn, à teoria, uma vez que não romperam com o conflito edípico clássico proposto por Freud. A reivindicação de uma abordagem psicanalítica sobre raça e o estudo para compreender os impactos de dimensões políticas e coloniais sobre a subjetividade e individualidade, que são formadas por um sistema burguês, foi feita por autores fora do círculo canônico da psicanálise.

O próprio Winnicott, em seu ímpeto por compreender o triplicado da constituição de vida do ser, entre o intermediário, o exterior e o interior, desconsidera, ou ao menos, não pauta diretamente, os processos de desigualdade racial que objetivam e minguam a possibilidade de experimentação de si.

Fanon, ao propor uma sociogenia que vai além da ontogenia freudiana para analisar a alienação do negro, tem uma leitura mais complexa do sujeito moderno.

⁴ “Ainda que este consiga se afastar de campos abstratos e intrapsíquicos da psicanálise tradicional ao se aproximar de campos mais concretos, materiais e tensionados do viver humano na modernidade” (PINTO & DA SILVA, 2018, p.84).

Na quinta parte de sua obra, *Pele negra máscaras brancas* (1952), ao redigir uma forte análise sobre a experiência vivida do negro (título do capítulo) o autor reconhece o que ele descreve como um desvio existencial provocado pelo processo colonial, que marca a existência do ser, do homem colonizado, de maneira que ela passa a ser tributária do aparecimento e dos gestos do colonizador, já que ela, ao ser calcada na inferioridade, passa a ser substituída pela imagem objetificadora que o Outro colonizador faz do colonizado. Poderíamos pensar que a construção de um falso self nesse contexto não se dá por simples falhas ambientais, mas por uma exigência proposital de um meio extremamente violento, que é constante, sistemática, material e simbólica, em aniquilar a experimentação humana na busca sádica pela acumulação de capital.

Na teoria winnicottiana, o falso self, quando característico de uma situação radicalmente adoecedora, é uma dimensão distorcida de si que denuncia uma situação em que o ambiente, inicialmente representado pela mãe, falhou sucessivamente na tarefa de sustentar o gesto espontâneo do sujeito, exigindo deste uma superadaptação ao meio, caminho contrário a um desenvolvimento saudável. Este caminho interrompe e/ou limita o lastro de experiência espontânea, uma vez que representa uma espécie de cisão na mente entre si e o ambiente, resultando em uma expressão reduzida do self, que tem por função anestesiar uma parte sensível que foi destruída em função de um processo traumático causado pelo meio⁵.

Winnicott (1971/1975) reforça que a área intermediária que se compõe no eixo entre mundo interno e realidade objetiva, na qual nossas experimentações ocorrem e que propulsionam a manutenção das experiências relativas ao verdadeiro self, se caracteriza enquanto um local de repouso a todos empenhados na árdua tarefa de manter realidade interna e externa separadas, mas interrelacionadas. Ou seja, para que esse espaço se mantenha em potência com os gestos criativos e cumpra sua função de manter e estruturar a vida psíquica diante de uma realidade que limita seus desejos, é de extrema importância que essa característica paradoxal de se manter no 'entre' seja cuidada e não seja reivindicada pelo ambiente.

⁵ (WINNICOTT, 1960/1983) e (WINNICOTT 1964/2005).

Guimarães e Podkameni (2008), ao analisarem este campo subjetivo descrito pelo britânico que se materializa em um ambiente racista, dizem que uma convivência constante com este, no qual as experiências de violência advindas dos processos de racialização do ser social sequer são reconhecidas, causa trauma e sofrimento justamente por ultrapassar negativamente a característica paradoxal deste campo subjetivo. Trazendo Maia (2019) para a discussão, quando uma experimentação de si e do mundo ocorre em um ambiente que é explicitamente racista, sem que, no entanto, se reconheça como tal, é propício que se faça irromper esse tipo de self que é moldado por uma violência, na qual “a antecipação de uma falsa independência se faz necessária por uma solidão real devido à experiência do racismo”⁶.

A contribuição fanoniana (1952/2020), sobre o reconhecimento cindido provocado pelo encontro entre colonizador e colonizado, dilata nossos questionamentos sobre o que ocorreria com essa área winnicottiana de exploração de si e do vínculo cultural, em um cenário onde nossa vida afetiva e econômica são organizadas em um modelo de sociedade que faz com que um encontro entre pares se torne uma experiência em que o mundo interno de uma das partes é reduzido ao nada, ao em-si, ou ainda, reduzido a uma experiência neurotizante e persecutória. O que aconteceria nessa área de manutenção do vínculo cultural frente à redução de repertório de tantos povos e culturas à bestialidade? Ao pecado? Ao perigo?

Fanon (1952/2020) ressalta que o Outro em um mundo racializado é sentido como se fosse absoluto, o que resulta em um Ideal de Eu absoluto. Diante deste, o restante só existe em inexistência ou inferioridade; ele chega a afirmar que uma verdadeira cultura sequer poderia existir nas condições da época. O racismo, então, ocupa lugar de desamparo e de desenlace social, pois esse Outro, que em geral é o Branco, passa ser considerado portador absoluto de todos os sentidos.

Ele reforça que o processo de conscientização de si não é suficiente para uma autêntica desalienação - esta só viria de fato com as coisas tomando seus devidos lugares, no sentido mais materialista⁷. No entanto, entendo que essa desalienação que Fanon nos diz também passa por essa tomada de consciência, e

⁶ (Ver mais em MAIA, 2019, p.103-113).

⁷ *Ibidem*.

nesta os saberes psi podem ser ferramentas. Quando o martinicano descreve sobre uma nova possibilidade de existir, penso que as contribuições que Winnicott fez sobre o que ele denomina como território intermediário possam vir a calhar para a qualificação de uma escuta implicada com esse processo.

Foram várias as flutuações sobre qual seria meu objetivo/objeto com essa pesquisa. No fim das contas percebo que meu trabalho de conclusão de curso surge de uma angústia em saber que logo finalizo minha formação como psicóloga e continuo a me perguntar sobre o que significa atuar como tal em um país como o Brasil. A preocupação vem do fato de que, ao longo do meu processo de formação, aprendi que ao profissional da saúde está incumbida a tarefa de atentar-se às condições que permeiam o estado psicossocial e à produção de subjetividade dos sujeitos que chegam até nós, já que essas condições se traduzem nas determinações sociais que engendram os processos de saúde-doença.

No que se refere ao Brasil é impossível pensar essas determinações desatreladas da desigualdade de classes, sintoma da acumulação capitalista, que, no contexto brasileiro, como aponta o historiador e mestre em serviço social Jones Manoel (2020), se concretiza a partir de marcadores como a própria classe, mas também raça, gênero e outros.

A pandemia causada pelo COVID-19, o estado de calamidade pública e sanitária, colocaram sob holofotes ainda maiores as entranhas desse antigo problema⁸, evidenciando como a exploração de corpos racializados, generificados e periféricos se materializa em dados de desigualdade muito reais, e, aqui, poderia citar inúmeros dados ilustrativos, que careceriam de tempo e recursos maiores do que disponho neste trabalho, para serem analisados e destrinchados com a devida atenção, de como uma crise humanitária se materializa de forma discrepante em diferentes setores sociais, mas escolho dois: segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN), em recente Inquérito Nacional sobre o problema da fome no contexto da pandemia causada pelo Covid-19, no Brasil, no último trimestre de 2020 aproximadamente 19 milhões de brasileiros conviveram com algum grau de insegurança alimentar, sendo que, dentre estes, 9% experienciaram uma privação alimentar grave. Quanto ao gênero, raça e

⁸ (Ver mais em JONES, 2020).

escolaridade desses brasileiros, o Inquérito revela que a insegurança alimentar grave foi mais presente em famílias chefiadas por mulheres, autodeclaradas pretas e/ou pardas e de baixa escolaridade⁹. Em consonância, tivemos por volta do mesmo período, em dados sistematizados pela Forbes, a riqueza total de bilionários aumentada em cerca de 28 trilhões de reais¹⁰.

Esse estudo vem como uma tentativa de continuar pensando o tipo de clínica que eu gostaria de fazer em minha atuação, me qualificando para encarar os sujeitos, eu mesma e a própria clínica, embrenhados nesse contexto até os ossos, para não cair na tentadora artimanha de se reduzir – e, conseqüentemente, justificar – os problemas decorrentes do perverso jogo do capital à questões do psiquismo.

Para pensar esse tipo de prática clínica, comprometida com a transformação do mundo, implicada com as questões referentes ao sofrimento mental resultante da luta de classes, entendo que Fanon é incontornável, necessário para revisitar nossos pressupostos teóricos, para que saibamos atuar sob uma perspectiva crítica diante deles, para onde devemos avançar, e, principalmente, saber que a verdadeira desalienação só virá com a reestruturação do mundo (FANON, 1952/2020). Isto nos faz pensar sobre a importância de atentar também aos limites de nossa clínica e à centralidade de se fazer alianças com movimentos de organização popular para que avancemos em nossa tarefa.

Meu objetivo desenha-se então para aproximar a noção do falso self explorado por Winnicott da máscara branca descrita por Fanon em sua análise da subjetividade moderna. Tomo por referência a obra fanoniana, *Pele Negra, Máscaras Brancas*¹¹ (1952/2020), bem como o texto winnicottiano acerca das distorções do Ego em termos de falso e verdadeiro self (1960/1983).

Os dois próximos capítulos do trabalho estarão resguardados à apresentação de alguns elementos bibliográficos dos autores que considere importantes para o entendimento de algumas de suas escolhas políticas e de seus pressupostos teóricos. Estes capítulos estarão destrinchados em duas partes, a primeira terá esse breve levantamento da trajetória de ambos, a segunda estará reservada para

⁹ (*Ver mais em* REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR, 2021).

¹⁰ (COOBAN, 2022).

¹¹ Que será representada pela sigla PNMB a partir desse ponto do trabalho.

apresentação de alguns pontos chave de suas teorias que também considere relevantes para que fosse possível realizar uma conversa entre elas. No quarto capítulo será feita a análise dos fatores expostos por Fanon (1925/2020) que compõem o desejo pela máscara branca do homem negro, a partir da categoria do falso self winnicottiano. Por fim, serão feitas considerações finais sobre o papel da psicologia frente às questões levantadas no diálogo.

2 QUEM FOI FRANTZ OMAR FANON

Ao revisitar as pegadas que Fanon nos deixou em seus breves 36 anos de história, corro o risco de ser um tanto repetitiva ao que já temos registrado dos percursos trilhados de um autor cujos passos insistem em não se deixarem perder pelos ventos do tempo¹², uma vez que seus textos ainda se fazem vivos e atuais, mesmo seis décadas após sua morte.

No entanto, localizá-lo em seu tempo e espaço têm sido de grande auxílio para me referenciar diante de seus posicionamentos políticos, teóricos e metodológicos, não somente em sua obra PNMB, que aqui servirá de arcabouço teórico para o desenvolvimento do trabalho, mas também diante da construção de um projeto de libertação do homem e consequente real transformação do mundo, com que toda sua produção e trajetória política estava implicada.

Ademais, repassar sua trajetória também tem sido importante para me auxiliar em um dos tantos desafios presentes na escrita desse trabalho e na leitura deste autor. O desafio consiste no próprio fato de pensar a psicanálise em Fanon, uma vez que o compromisso de sua obra não era com esse movimento, mas com a construção de um novo humanismo universal e concreto:

A explosão não ocorrerá hoje. É muito cedo... ou tarde demais.

Não chego armado de verdades categóricas.

Minha consciência não está permeada de fulgurâncias precípua.

No entanto, com toda a serenidade, acho que seria bom que certas coisas fossem ditas.

Essas coisas, eu as direi, não as gritarei. Pois há muito o grito saiu da minha vida.

E se fez tão distante...

Por que escrever esta obra? Ninguém me pediu que o fizesse.

Muito menos aqueles a quem ela se dirige.

E então? Então respondo calmamente que existem imbecis demais neste mundo. E, tendo dito isso, compete a mim demonstrá-lo.

Rumo a um novo humanismo...

A compreensão entre os homens...

Nossos irmãos de cor...

¹² Alusão a um poema de Galeano (1940).

Creio em ti, Homem...

O preconceito de raça...

Compreender e amar... (FANON, 1952/2020, p.21)

Para pensar essa construção de um novo humanismo, Fanon entendia a psicanálise como grande auxiliadora de compreensão da subjetividade burguesa, uma vez que ela oferece recursos para pensar o desejo, linguagem, identificação, reconhecimento, denegação etc. No entanto, Faustino (2015) observa que entre as produções feitas a partir das contribuições de Fanon há uma tendência em não o considerar dentro da ampla perspectiva que compõe seu trabalho, já que ele dialoga com diversos campos do saber. Isso levaria essas produções a recortar elementos da obra que reafirmam apenas seus projetos e vertentes teóricas¹³. Portanto, nesse trabalho pretendo não perder de vista o aspecto de encruzilhada do pensamento fanoniano, ainda que aqui se vise um maior diálogo com a prática psicanalítica.

Pois bem, partindo de alguns dos aspectos bibliográficos que considero importante para leitura dos escritos de Fanon, aqui retomo: Frantz Omar Fanon foi um homem nascido na Ilha da Martinica no dia 20 de julho de 1925, em uma família de classe média alta. A Martinica é um país localizado nas ilhas caribenhas, local que foi palco de importantes processos emancipatórios e revolucionários das lutas modernas; talvez como maior exemplo tenhamos a revolução haitiana (1791-1804).

No ano do nascimento de Fanon a Martinica era considerada departamento além-mar da França, o que significa dizer que o local era completamente dependente da administração e política colonial francesa (DURÃO, 2016). No campo ideológico isso era traduzido na construção de uma narrativa, que se solidificava desde livros pedagógicos nas escolas até produções culturais das mais diversas, de que os habitantes daquela ilha deveriam não somente se considerar enquanto franceses, mas tomar a França como sua pátria mãe. Fanon, enquanto cidadão martinicano, nascido de uma família de classe média alta e que teve acesso a uma boa educação, não estava imune a esse processo. Em PNMB, ele chega a citar (p. 163) que nas escolas em que estudou a história era sempre contada do ponto de vista europeu, o que levava os jovens negros antilhanos a se identificar com a figura

¹³ *Ibidem*.

do civilizador (branco) das terras distantes que trazia a verdade e a cultura para aquele coletivo de selvagens (negros). Os gauleses, desse ponto de vista, eram os fundadores daquela terra.

Aproximar-se da figura do europeu era estar próximo daquilo que mais nos compõe enquanto seres humanos coesos, ou seja, daquilo que é belo, bom e justo, características imprescindíveis da organização de uma sociedade extremamente civilizada e cortês. E isso tudo era apenas um sinônimo de branco. O negro, no imaginário antilhano, estava na África; eles nada, ou muito pouco, tinham a ver com essa figura selvagem (FANON, 1952/2020). Essa forte convicção dos habitantes daquela ilha sofre um duro golpe no ano de 1940 (quando Fanon tinha 15 anos e terminava o colegial), ocasião em que 5 mil marinheiros brancos se refugiam na capital Front-de-France, buscando exílio após seguidas derrotas da França contra a Alemanha Nazista, durante os conflitos da segunda guerra mundial (FAUSTINO, 2015). Esse encontro acaba por deixar as marcas da racialização mais presentes do que nunca¹⁴, ainda que os martiniquenses, pelo menos de início, tenham se esforçado para acreditar que aqueles soldados racistas eram apenas exceções que não estavam se comportando com a dignidade de verdadeiros franceses.

Em meio a esse contexto, Fanon, assim que termina o colegial, engrossa as fileiras de uma brigada antinazista do exército francês para lutar contra as invasões alemãs, indo atuar diretamente na guerra da África do Norte e posteriormente na da Europa. Junto aos demais soldados (franceses nascidos na metrópole) fica mais evidente para ele que o comportamento daqueles soldados que se refugiaram em

¹⁴ “(...) No verão de 1940, qualquer marinheiro tinha no bolso uma centena de vezes mais dinheiro do que um habitante da Martinica, e os soldados davam ordens aos civis. Os recrutas eram rudes em seu comportamento; os habitantes da Martinica, no entanto, estavam acostumados a levar uma vida pacífica. O que o dinheiro não poderia alcançar era conseguida pela força bruta. Os cafés foram imediatamente segregados: de um lado, as mulheres e os clientes brancos; do outro lado, os nativos negros. Os marinheiros esperavam que as lojas os atendessem antes dos nativos. No início, a segregação foi por razões econômicas: o valor do dinheiro dos soldados aumentou, e os nativos foram forçados a reduzir o nível de seu consumo. Por volta de 1941, porém, os marinheiros recebiam os seus salários irregularmente por causa das dificuldades de obter fundos da administração Vichy, mas as linhas de cor estavam firmemente estabelecidas. Os recrutas não estavam dispostos a confraternizar com os homens negros. No caso das mulheres, a situação era diferente. Os intrusos brancos procuravam e consideravam todas as jovens nativas como prostitutas, e passaram a substituir o pagamento do programa pelo estupro. A polícia estava acostumada a operar em um ambiente no qual se acreditava que somente os negros se comportavam mal e, por isso, julgava antecipadamente qualquer vítima de estupro como uma prostituta que estaria cobrando um preço muito alto. Nos tribunais militares, a palavra dos marinheiros sempre superava a dos nativos. Foi um racismo totalitário.” (GEISMAR, 1974 *apud* FAUSTINO, p. 29, 2015).

sua terra natal não era uma exceção à regra, mas a regra em si, percebendo que, diante do olhar branco, não havia diferença alguma entre ele (ou qualquer outro antilhano) e os senegaleses¹⁵. É ali que um jovem Fanon presencia os tratamentos desumanos estabelecidos nas colônias francesas da África do Norte e a miséria de uma França devastada pela guerra.

Em 1945 ele retorna à Martinica como veterano de guerra e é cabo eleitoral da campanha pela presidência de Aimé Césaire pelo partido comunista na capital Fort-de-France. Césaire é um dos autores que terá forte influência ao longo de toda a obra fanoniana. É o encontro com seu ex mestre do Liceu que influenciará Fanon em sua maneira de pensar a esquerda marxista. No entanto, o marco de maior divergência entre os dois autores revela-se na relação que estabeleciam para com o movimento da negritude. Ainda que Fanon não rompa com o movimento, o autor nunca deixou de salientar os limites essencialistas, culturalistas e particularistas que ele enxergava como problemas e que eram assumidos pelo movimento¹⁶.

Com a morte do pai em 1947 ele resolve começar a se preparar para cursar um ensino superior, aproveitando seu *status* de veterano advindo da guerra. De início considerava entrar para medicina, mas pelo tempo que já havia estado combatendo com o exército, acaba optando pelo curso de odontologia em Paris. Após poucas semanas de aula, no entanto, acaba desistindo e se mudando para o interior, em Lyon, o que posteriormente fica claro que se deu por conta dos conflitos sociorraciais que eclodiam em Paris, ao que o jovem Fanon traduz enquanto o encontro com o maior número de idiotas que teve em sua vida até ali (Faustino, 2015).

Em Lyon começa sua graduação em psiquiatria forense. Ali ele teve contato com as ideias, autores e teorias mais pulsantes do século XX que circulavam pela Europa e influenciavam (e influenciam até hoje) o pensamento das ciências sociais. Para citar alguns: Lacan, Freud, Hegel, Marx, Sartre e Nietzsche. Fanon elencava sua leitura desses autores com sua própria teoria, que já era bastante extensa, para

¹⁵ *Ibidem.*

¹⁶ *Ibidem.*

pensar as condições psíquicas e sociais de martinicanos e de outros povos colonizados que conhecia¹⁷.

Com a grande acumulação teórica e de trajetória na militância adquiridas até ali, redige sua primeira dissertação para conclusão do curso médico, aos 27 anos de idade. Esta se propunha a discussão dos problemas sociopsíquicos do colonialismo. Ele recebe de seu orientador o conselho de não submeter o trabalho para avaliação, já que as ideias ali contidas rebatiam de frente a adoção positivista da psiquiatria da época. Mesmo contrariado, ele decide guardar o texto, que posteriormente viria a ser conhecido como “Pele negra, máscaras brancas”, publicado somente em 1952, e redige um novo ensaio sobre um estudo de caso de delírios e síndromes psiquiátricas, mas, ainda assim, pontuando a necessidade de observar os pacientes e seus sintomas dentro de seus contextos socioculturais de existência.

Ao término do curso escolhe fazer residência com François Tosquelles em um hospital psiquiátrico em Saint Alban, onde permanecem trabalhando e estudando juntos por dois anos. Essa relação também marca profundamente os escritos fanonianos, sua prática e experimentos clínicos. É em Tosquelles que Fanon encontra a possibilidade de dialogar e concretizar ações diante de alguns problemas e sofrimentos que ele havia sistematizado já em PNMB, pois se é na objetificação e desumanização proporcionados por uma determinada organização de sociedade que se originam as alienações psíquicas, apenas uma transformação radical da mesma poderia ofertar uma cura para elas (FAUSTINO, 2015).

Em 1953 ele se prepara para prestar exames de um concurso chamado Le Médecin des Hôpitaux Psychiatriques que possibilitaria a ele escolher um posto de chefia em alguma instituição psiquiátrica renomada da França. É aprovado com distinção e aceita um posto temporário de um hospital em Pontorson, mas ainda no mesmo ano se muda para Blida, na Argélia. A Argélia também era uma colônia francesa com um regime de dominação semelhante ao da Martinica, tendo desde 1887 uma composição social fortemente atrelada à exploração econômica da metrópole (DURÃO, 2016).

¹⁷ *Ibidem*.

Ainda no mesmo trabalho do prof. Deivison de 2015, a experiência que Fanon teve ali foi de extrema importância para que ele visualizasse os impactos do colonialismo na estrutura psíquica humana. Seus pacientes apresentavam sintomas de adoecimento mental que estavam intimamente atrelados à luta sangrenta anticolonial que se expressava com força no contexto do território argelino da época do pós-guerra.

O hospital em que ele trabalhava nessa época seguia o procedimento científico padrão no trato para com pessoas com transtornos mentais, ou seja: isoladas de qualquer possibilidade de construção de uma rede de apoio exterior aos muros da prisão psiquiátrica, amarrados a camisas de força e fortemente medicados. Ali também se assumia a separação dos pacientes por asilos, delineando uma linha bem explícita que, mesmo entre os que deviam ser encobertos do restante da sociedade, hierarquizava-os entre franceses e nativos.

Inspirado pelas trocas com Tosquelles, com quem presenciou os primeiros exemplos do cuidado em liberdade defendidos pela luta antimanicomial, ele intervém nessa forma de organização e propõe reformas institucionais radicais no estabelecimento, por entender que a separação deveria ser feita considerando o grau de sofrimento psíquico, que os pacientes deveriam ter liberdade e autonomia para circular nas alas e que as camisas de força deveriam ser utilizadas apenas em casos excepcionais¹⁸.

As experiências acumuladas no trabalho desse hospital possibilitaram a Fanon acumular importantes referências de cuidado para seus futuros escritos psiquiátricos. Por mais que os europeus tivessem respondido de forma satisfatória a suas intervenções esse não havia sido o caso com os argelinos, o que ele compreende como um erro seu ao impor soluções europeias para questões mulçumanas¹⁹, implementando a política assimilacionista francesa à qual ainda estava fortemente influenciado, segundo a qual uma cultura sempre tende a desaparecer em favor de outra. Ele não atribui esse erro às reformas em si, mas em sua falta de cuidado ao não considerar o sujeito argelino em seu contexto social.

¹⁸ Faustino (2015).

¹⁹ *Ibidem*.

A eclosão da guerra pela libertação argelina da França em 1954 ecoa as críticas que Fanon tecia ao regime colonial e ele não hesita, enquanto militante de esquerda da Martinica e um intelectual anticolonial comprometido com uma real transformação de mundo, em tomar partido contra a França, engrossando as fileiras da FLN (Frente de Libertação Nacional da Argélia). Uma das tarefas que assumiu no movimento foi a de prestar auxílio psiquiátrico aos militantes torturados.

É importante ressaltar que antes da guerrilha declarada os nacionalistas argelinos tiveram suas diversas tentativas de diálogo pacífico para libertação de seu país frustradas. As décadas de 40, 50 e 60 foram marcadas por países do continente asiático e africano lutando por sua independência: como foi o caso de Gana em 57, Líbia em 51, Guiné em 58, Camarões, Somália, República do Congo, Senegal em 60 entre outras tantas²⁰.

Em setembro de 1956 ele retorna para a França para participar do I Congresso de Artistas e Escritores Negros, onde estabelece contato com vários importantes militantes revolucionários e renomados intelectuais da África e da diáspora africana.²¹

Ao retornar para a Argélia vê-se confrontado por uma situação um tanto quanto ambígua. De um lado, enquanto diretor de um serviço público, atendia torturadores franceses atormentados por seus atos cometidos contra os chamados nativos; por outro, atendia sigilosamente os militantes vítimas que estavam sendo torturados pelos mesmos (FAUSTINO, 2015). É quando a polícia começa a vigiá-lo que ele adere oficialmente à revolução e se desliga do hospital em que trabalhava. É também nesse momento que ele escreve uma carta pública ao ministro residente (homem que era representante administrativo do governo francês na Argélia), que acaba resultando em sua expulsão oficial do país.

Ele se encaminha brevemente para Lyon onde se encontra com alguns importantes intelectuais da época, como Sartre e Francis Jaeson, e logo depois segue para militar na Tunísia onde se torna embaixador da FLN (agora renomeada para GRPA – “Gouvernement Provisoire de la République Algérienne”) e coloca em

²⁰ Ver mais em Faustino, 2015, p.40

²¹ *Ibidem*, p.41

prática sua tese de que o verdadeiro rearranjo da sociedade implicaria em uma real cura das doenças mentais, no hospital em que passou a trabalhar na Tunísia²².

Em 58 obtém um passaporte sob o pseudônimo de Omar Ibrachin Fanon junto ao embaixador da Tunísia para poder realizar suas tarefas no exterior com maior segurança. No ano seguinte ele vai até a Roma participar do II Congresso de Escritores e Artistas Negros, agora com maior reconhecimento de sua produção do que havia durante a primeira edição do encontro. Em sua conferência, no entanto, fica evidente sua diferença estética cultural dos demais participantes, pois enquanto estes apostavam no resgate de uma civilização negra que transcendia as fronteiras nacionais e continentais, Fanon acreditava que o fundamento da cultura (sempre pensada em seu contexto local/nacional) é a luta pela libertação nacional²³.

Nos anos seguintes Fanon continua trabalhando secretamente em favor da revolução argelina e escrevendo produções que visavam analisar o processo revolucionário que ali ocorria, ancorado em sua convicção de que não havia outra escolha para os povos colonizados que não fosse a revolução. Ele morre em dezembro de 1961, aos 36 anos de idade, por leucemia mieloide, doença que tinha um prognóstico fatal na época. Reúne seus últimos esforços em redigir um trabalho que sistematizasse seu acúmulo teórico até ali, trabalho este que foi intitulado por “*Les damnés de la terre*” – Traduzido em português para: “*Os condenados da terra*”, com o prefácio de Jean Paul Sartre.

2.1 Seus diálogos com a psicologia

Dizer que a obra PNMB é um estudo psicológico e/ou subjetivo sobre racismo, ou mesmo dizer que Fanon foi um autor cujo único compromisso era uma análise étnico-racial da sociedade é reduzir suas contribuições de uma forma bem simplória. Como Faustino (2020) coloca no posfácio da última edição do livro lançado pela editora UBU, PNMB se trata de uma análise psicológica extremamente densa que se utiliza da psicanálise e de uma linguagem existencial sobre os processos de alienação e da liberdade humana, e que constrói ao longo do livro a perspectiva de

²² *Ibidem*, p. 43

²³ *Ibidem*, p. 47

que essa liberdade, ou essa tomada de consciência, é necessariamente política, econômica e social.

Isso possibilita que pensemos este livro não somente como uma análise étnico-racial, mas como um disparador de debates sobre nossa cultura, já que é ali que Fanon começa a suscitar suas hipóteses sobre a necessidade da construção de um projeto de liberdade radical, pressuposto para o fim dos processos de dominação e de exclusão do homem pelo homem. Nesse sentido, o livro abre espaço para que repensemos, ou no mínimo, passemos a desconfiar da nossa relação com o meio cultural, uma vez que ele estaria repleto de fortes traços do domínio colonial.

Ler PNMB é um grande desafio que está além da notável densidade de complexas articulações pelos mais diversos campos do saber, da mobilização um tanto quanto única de tantos autores cânones do século XX, do estilo poético de sua escrita e de sua dimensão dialética (FAUSTINO, 2020). Pois, no além de tudo isso, nos deparamos com um movimento pendular, um vai-e-vem de um labirinto infernal que retumba ao longo de 111 páginas sobre a ambiguidade nauseante provocada pelo desenlace social de uma sociedade colonizada.

É importante ressaltar que para Fanon existe uma relação dialética entre racismo, colonialismo e capitalismo. Já em PNMB ele assume, ao discutir os limites e avanços da psicanálise freudiana, que há um impacto do mundo social sob os sentidos e relações construídos pela humanidade, assim como situações individuais expressam-se com o desenvolvimento e a preservação política e social das instituições (FAUSTINO, 2018). Ele comemora a ruptura proposta pelo movimento psicanalítico na forma de se analisar o sofrimento psíquico, mas ressalta a importância de compreender o desejo para além da dimensão psicoafetiva, considerando seu processo histórico e social.

Ou seja, retomando a ideia contida no início do parágrafo anterior, para Fanon, só podemos compreender devidamente a constituição do colonialismo e suas implicações traumáticas para a subjetividade dos envolvidos, quando consideramos as determinações históricas concretas e econômicas que as

constituem, a bem dizer: a sociedade capitalista que converge todo e qualquer sentido produzido pelo humano em direção ao acúmulo de capital²⁴.

No entanto, ainda segundo o autor, considerar o colonialismo e seus processos de dominação apenas por sua dimensão econômica também é caminhar por um caminho errôneo. Ao longo do diálogo crítico que ele estabelece com o marxismo, ressalta que é necessário que este se “expanda” para lidar com o mundo cindido provocado pelo colonialismo, no qual até a própria dialética tem seus limites.

O professor Deivison Faustino (2018) analisa que, em primeira instância, o ponto ressaltado por Fanon é que no processo de colonização o racismo e racialização estão implícitos em um processo maior de dominação: o desenvolvimento da monocultura europeia necessário para a solidificação das relações capitalistas de produção:

(...) Mas, fora do meu laboratório de psicanalista, quando tiver de integrar minhas conclusões ao contexto do mundo, direi: 1. Meu paciente sofre de um complexo de inferioridade. Sua estrutura psíquica corre o risco de se desmantelar. É preciso protegê-lo e, pouco a pouco, libertá-lo desse desejo inconsciente. 2. Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica (FANON, 1952, p. 114).

O racismo, para o autor martinicano, a “coisificação” do dominado, é apropriado na sociedade moderna, primeiramente para garantir a empreitada colonial, e posteriormente para garantir a exportação das contradições inerentes do sistema capitalista para a “periferia global” (FAUSTINO, 2018). Essa zona habitacional de opostos seria marca principalmente do fato de se pertencer ou não a tal espécie e a tal raça. Nas colônias, “infraestrutura é igualmente uma superestrutura, a causa é efeito, é rico por que é branco, é branco porque é rico” (FANON, 1961, p.29).

Essa objetificação radical, essa morte antes da própria morte não é um “simples” esquema de exploração, mas é a redução do outro abaixo da linha da humanidade. O que Fanon busca explorar na obra publicada de 1952 é que nem

²⁴ *Ibidem*.

desejo, afeto ou pensamento estão isentos dessa forma de dominação. E em seu livro o autor abarca alguns dos efeitos subjetivos desse tipo de sistema. A epidermização desse processo de dominação atravessaria e determinaria nossa linguagem, a construção de nosso esquema corporal, nossos desejos e afetos, ou seja, nossa forma de ser e estar no mundo.

No que se refere à linguagem por exemplo, ao se interessar sobre como ela interpela nossa relação com a imagem do outro, temática tão cara ao campo psicanalítico, Fanon (1952) compreende que a língua carrega a simbologia de toda uma nação. No caso da Ilha da Martinica falar francês é estar mais próximo do mundo branco. Nas sociedades colonizadas a tomada de partido diante da linguagem colonizadora não é uma simples coincidência, como ele busca reiterar ao longo de todo o primeiro capítulo de seu livro. “Compreender uma língua é assumir o peso de uma civilização”²⁵. Assimilar os valores da metrópole como símbolo do que é bom, belo e justo, é correlato direto de exterminar em si qualquer esquema de referência que esteja fora disso. A análise de Fanon então, possibilita pensar o campo linguístico como uma espécie de escala ideológica de valores, na qual a classificação se daria pela relação de proximidade com o que é branco, europeu e ocidental.

O que nos leva para o nível seguinte de análise que a obra propõe, o sofrimento, a desestruturação da vida psíquica e dos mecanismos psicológicos diante do olhar branco seriam expressões da armadilha neurotizante perfeita: o complexo de inferioridade do nativo é correlato direto do complexo de superioridade europeia. É o racista que cria o inferiorizado²⁶ e se há uma manutenção desse complexo é porque existe uma sociedade que não somente continua a alimentar esse tipo de produção subjetiva como também depende dela. Essa subjetividade está marcada pelo desejo de ser branco, pois isso significaria ser humano.

Aqui ainda encontramos o mesmo mal-entendido. É de fato evidente que o malgaxe pode perfeitamente suportar não ser um branco. Um malgaxe é um malgaxe; ou melhor, um malgaxe não é um malgaxe: existe absolutamente uma “malgaxice”. Se ele é malgaxe, é porque o branco chegou, e se, em um dado momento da sua história, ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade. Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me

²⁵ *Ibidem*, p.33

²⁶ *Ibidem*.

impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco (...) Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade (FANON, 1952 p.112).

Ainda nesse mesmo capítulo, intitulado “Sobre o suposto complexo de dependência do colonizado” (p. 99-124), ele se utiliza muito dos sonhos relatados por seus pacientes para exprimir como esse desejo autodestrutivo pela branquitude pode se dar, fazendo eco ao autor Pierre Naville (na obra *Psychologie, marxisme, materialisme*), e reitera a importância de que em nossa prática clínica não individualizemos esse tipo de questão.

Diante do cenário em que seus esquemas de referência estejam abolidos, a experiência vivida pelo negro é uma atividade unicamente de negação, uma experiência nauseante de si mesmo, pois há uma interdição no reconhecimento do olhar do Outro, uma vez que onde ele se busca refletido encontra olhos que devolvem a imagem de um objeto, o olhar oferecido é fantasmagórico e fetichizado²⁷. A dialética do reconhecimento de Friedrich Hegel que marcou todo o pensamento filosófico do século XX, que se dá por uma movimentação dialética entre ora nos reconhecermos enquanto sujeitos e ora como objetos, está interdita para o sistema de dominação colonial. Essa reciprocidade é inexistente, pois ali o que está em jogo não é a relação entre homens, mas sim a relação entre homens e negros e este último é aprisionado em uma coisificação esmagadora²⁸. A ontologia proposta por Hegel é impraticável por conta disso²⁹, o conhecimento para o homem de cor, do homem colonizado, se dá em terceira pessoa; fora da imagem coisificada oferecida pelo olhar branco não se oferece mais nada.

O resultado desse processo é o que o autor denomina como náusea, fruto desse drama imposto pelo simples desejo de ser um Homem em meio a outros Homens. Diante desse cenário, Fanon utiliza-se da psicanálise para tentar compreender os esquemas psíquicos do homem de cor e, portanto, utiliza-se dos estudos sobre a família para tentar compreender os sintomas neuróticos, uma vez

²⁷ *Ibidem.*

²⁸ *Ibidem.*

²⁹ *Ibidem.*

que esta configura-se como um ambiente central para representação da dinâmica social.

A sintomatologia de um neurótico comum teria origem em um ambiente familiar com alguma disfuncionalidade; no entanto, no caso do homem de cor, ainda que ele viva no seio de uma família comum, ao menor contato com o mundo branco passa a apresentar dificuldades em ser e estar no mundo (FANON, 1952). O autor afirma que, com a exceção de algumas falhas verificadas em ambientes fechados, a neurose de um antilhano (e ele admite que existam analogias semelhantes em outras colônias), ou qualquer aberração afetiva está intimamente atrelada a essa situação cultural³⁰. E isso porque esse meio cultural impõe uma ambiguidade extremamente neurotizante: se reconhece enquanto negro, mas só na medida em que se reconhece como mau, imoral, pois este é o corpo fobógeno escolhido pela Europa como depósito de suas próprias contradições; a conclusão óbvia e imediata é que se fujo disso, se sou bom e moral então não sou negro, no entanto, continuo a ser... E esse é o pêndulo neurotizante descrito por Fanon. O convite inquietante que ali se apresenta é o questionamento de onde nos encaixamos, ou onde estamos encaixados dentro desse movimento pendular.

³⁰ *Ibidem*.

3 QUEM FOI DONALD WOODS WINNICOTT

Donald Woods Winnicott, filho de Elizabeth e John Winnicott, nasceu no dia 7 de abril de 1896, em uma cidade portuária do sudoeste da Inglaterra chamada Plymouth. Bizzari (2010) nos conta que Winnicott cresceu em uma casa de família burguesa que era rodeada por crianças, pois para além de suas duas irmãs mais velhas ele tinha uma relação bem próxima com seus cinco primos (também mais velhos) que moravam na casa em frente à sua. Por esse motivo, apesar da ausência frequente do pai, já que este trabalhava como comerciante e tinha uma vida bem ativa na política local, a infância do autor não foi nem um pouco solitária.

Quando tinha 14 anos ele se mudou para um internato a mando do pai, segundo o autor, por tê-lo ouvido dizendo um palavrão. O internato foi o local onde teve contato pela primeira vez com a obra de Charles Darwin – A origem das espécies – que teve forte influência ao longo de toda sua produção teórica. Segundo o próprio autor, foi em Darwin que encontrou uma espécie de liberdade no estudo dos seres vivos, uma vez que ele teria demonstrado que as lacunas de conhecimento diante da pluralidade de sentidos ali contidos eram antes muito mais estimulantes do que paralisantes (BIZZARI, 2010), possibilitando a construção de uma medicina mais viva.

Anos mais tarde ele se encaminha para a universidade de Cambridge, inicialmente para cursar biologia, depois medicina. Com a explosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) logo no primeiro ano do curso, decide trabalhar como auxiliar de enfermagem na faculdade que havia sido reorganizada para funcionar como um hospital militar. Por ter perdido a maioria dos amigos do colegial ao longo dos anos de guerra ele interrompe os estudos para se alistar na marinha aos 20 anos de idade, voltando a concluí-los apenas em 1920 na cidade de Londres, com especialização em pediatria. Assim como Fanon, as experiências que ali teve marcaram profundamente sua trajetória.³¹

³¹ Ainda que de formas bem distintas, pois, enquanto Fanon apostava na construção de um novo projeto de liberdade humana (utilizando-se de sua erudição diante do que havia sido produzido até ali dentro do campo das ciências sociais e humanas), como única possibilidade de resposta diante de uma humanidade cindida pelo projeto de dominação moderno de acumulação de capital, Winnicott apostou na medicina, na psiquiatria infantil e na psicanálise para sofisticar sua prática clínica e seus conhecimentos acerca do desenvolvimento emocional e do lugar de destaque que a via cultural ocupa nesse processo.

Os conhecimentos e sua atuação na pediatria tiveram extrema importância para a construção da teoria winnicottiana, já que ele jamais deixou de dialogar com os dois campos, ainda que divergisse de algumas de suas concepções mais clássicas. Para além da possibilidade de estudar os imbricamentos que fatores físicos e mentais tinham no processo do adocimento humano, sua formação nessas áreas despertou-lhe desde seus primeiros anos de graduação a concepção de que saúde, posteriormente colocada por ele como um “sentir-se vivo”, não se resume a um organismo que se apresente livre de doenças, posição que era tomada quase que de forma unânime entre pediatras e psiquiatras do século XIX³².

Esse tipo de dicotomia que entendia saúde meramente como um estado em que o sujeito se encontrasse livre de doenças ia na contramão da forma com que Winnicott concebia seu pensamento e atuação. A posição que ele assumia diante da complexidade do universo entre saúde-doença estava demarcada em um entendimento de que o percurso da vida é tempestuoso desde nossas interações mais precoces com o mundo. Estar vivo e assim permanecer, amadurecendo, é uma batalha que se mantém (in)constante³³.

Um ano antes de se formar, em 1919, teve contato pela primeira vez com a psicanálise, encontro que ocorre após uma busca ativa do autor pela livraria H.K Lewis and Company por um livro que o auxiliasse na compreensão de um sintoma seu que havia surgido após os anos que atuou na guerra: sua incapacidade de lembrar dos seus sonhos. Por indicação de um dos donos da livraria ele lê e rapidamente se fascina pela obra *O método psicanalítico*, escrito por Oskar Pfister e publicado em 1915. Pouco tempo depois ele recorre à tradução inglesa de *A interpretação dos sonhos* do próprio Freud. O livro causa-lhe o impacto necessário para que ele não abandonasse seu interesse pela psicanálise, pois ali encontrou um reduto para suas inquietações e para seu próprio sintoma (BIZZARI, 2010).

A relação com o movimento psicanalítico irá se desdobrar ao longo da década seguinte. De início, o compromisso que Winnicott assumiu com o movimento foi o de transmitir os conhecimentos freudianos aos ingleses, da forma mais simples e didática que conseguisse. É apenas por volta de 1935 que ele se torna psicanalista habilitado pela Sociedade Britânica de Psicanálise (que teve particular destaque no

³² (DIAS, 2002)

³³ *Ibidem*.

cenário de desenvolvimento científico e político do movimento psicanalítico entre os anos de 1930-1960), onde iria atuar futuramente no cargo de presidência por duas vezes: de 1956 a 1959 e de 1965 a 1968.

Antes da conclusão de sua formação em psicanálise, em 1923, é indicado para trabalhar no Hospital Infantil Paddington Green, na cidade de Londres, onde permaneceu pelos 40 anos seguintes na função de pediatra, psiquiatra infantil e psicanalista. Os caminhos clínicos e analíticos percorridos pelo autor fizeram com que seu consultório de pediatria caminhasse aos poucos para um consultório de pedopsiquiatria. Ainda segundo Bizzarri (2010) a escolha por trabalhar com crianças talvez tenha sido influenciada pelo desejo do autor em acolher, cuidar e compreender a si mesmo, mantendo-se sensível ao sofrimento humano, característica esta que também marcou sua produção teórica.

As experiências que teve ao longo dos anos atuando em seu consultório mostraram-se fontes riquíssimas de conhecimento para construção de sua teoria e também sobre o modo singular com que o inglês utilizava a psicanálise. Apoiado em sua clínica, a escrita de seus artigos revelou um dinamismo vivo em seus conceitos. É trabalhando nesse hospital que o compromisso teórico maior do autor se encaminha para tentar formular os porquês e as origens do desenvolvimento emocional e do sofrimento em recém-nascidos, dando destaque ao valor do ambiente para esses processos, desde os seus primeiros textos publicados sob uma metodologia psicanalítica.

Também nesse mesmo ano, após desenvolver um conhecimento mais aprofundado de seu próprio sofrimento e motivado a trabalhar e difundir a psicanálise entre os ingleses, ele decide procurar e começar sua análise pessoal. O escolhido foi o famoso psicanalista inglês responsável por uma das primeiras traduções das obras freudianas nesse idioma, James Strachey, com quem permaneceu pelos próximos 10 anos. É por recomendação do próprio Strachey que em 1931 o autor dá início à sua supervisão com Melanie Klein.

Apesar desse encontro pedagógico ter durado poucos anos, a relação com Klein deixa profundas marcas na formação, nos compromissos teóricos e na clínica winnicottiana (BIZZARRI, 2010). É com Klein que um Winnicott mais maduro direciona definitivamente sua pesquisa e investigação científica para a exploração das brechas deixadas por Freud na investigação da pré-história do narcisismo

primário, campo que ele descobre como um cenário de valor simbólico riquíssimo para o desenvolvimento humano³⁴.

Ao final dos anos 30, durante os conflitos da Segunda Guerra Mundial, é nomeado como consultor psiquiátrico para o plano de evacuação de Guerra do Governo Britânico em Oxford e dá início à sua segunda análise, dessa vez com Joan Riviere, também importante tradutora das obras freudianas e de outros importantes autores. Além disso, Joan teve um papel significativo no progresso do movimento psicanalítico, principalmente no que se refere às temáticas sobre maternidade e feminilidade³⁵.

Essa experiência clínica também deixa profundas marcas no autor, pois ali ele pôde observar com maior clareza os efeitos que um ambiente familiar que se desintegrou pode ter em crianças das mais diferentes idades, já que esse era um cenário que se alastrava de forma maciça por toda Inglaterra. É a partir desse marco inclusive, que o autor começa a formular sua teoria sobre a tendência antissocial, manifestação clínica que, até então, era vista pelo meio psicanalítico como angústia manifestada em decorrência dos conflitos ambivalentes e inconscientes dirigidos ao objeto de amor, mas que para Winnicott era um estado que evidenciava, mais uma vez³⁶, como o fator ambiental tem um papel central em distúrbios afetivos, já que a esses jovens adotados estava sendo ofertada a possibilidade de estarem em um novo cenário de segurança, e, diante deste, tinham oportunidade de dar vazão a seus impulsos agressivos, na confiança de terem amparo de seu ambiente.

Sobre sua participação na Sociedade Britânica de Psicanálise talvez seja justo pontuar o enredo teórico conflituoso que se tecia nessa organização desde os anos quarenta. Esse embate advinha da existência de dois grupos teóricos distintos: os discípulos de Anna Freud – *annafreudianos* – e os discípulos de Melanie Klein – *kleinianos*. Além destes, havia um expressivo número de analistas que não estavam

³⁴ Uma outra importante nota a ser acrescentada sobre as influências que Klein teve no trabalho do autor foi o riquíssimo material da clínica psicanalítica com crianças acumulado por ela, que permitiu a Winnicott começar a intuir o que seria um dos centrais fenômenos descritos em sua obra: *os objetos e fenômenos transicionais*, que serão abordados no próximo tópico deste mesmo capítulo.

³⁵ HAUDENSCHILD (2017).

³⁶ Ao trabalhar com esses jovens ele percebeu que a conduta antissocial decorre de uma privação, da perda de uma relação de confiança que havia sido suficientemente boa. A conduta antissocial acontecia quando encontravam novamente um ambiente que pudessem confiar, por exemplo, em seus novos lares, o que possibilitava que dessem vazão a seus impulsos agressivos, confiando que o ambiente pudesse agora responder melhor que antes.

aderidos a nenhum dos dois “partidos”, aglutinando-se no chamado *Middle Group*, do qual Winnicott fazia parte.

No que se refere ao seu relacionamento com Anna Freud o autor se manteve relativamente neutro; no entanto, como já citado, a contribuição que Klein teve para com o pensamento winnicottiano é inegável, tanto em matéria de seus pontos de convergência, quanto em suas distinções. Klein foi uma autora basal para a construção do pensamento singular do autor (ARCANGIOLI, 1995).

Winnicott foi um autor que proferiu palestras para uma grande variedade de profissionais da saúde, da educação e para mães a respeito do desenvolvimento infantil, assim como transmissões radiofônicas pela BBC (*British Broadcasting Corporation*) e inúmeras outras contribuições sobre a temática para jornais médicos, psiquiátricos e psicanalíticos em um esforço contínuo na construção de um estudo científico que fosse divulgado para maior parcela possível da população.

Ele foi um autor que se desdobrou numa árdua tentativa de mergulhar nos processos de vida que acompanhou ao longo de sua história, particularmente em seus anos atuando na clínica, empenhado em destrinchar como a saúde e o amadurecimento compunham essas rotas de colisão que versam os caminhos da vida, e quais seriam os aspectos que facilitam ou dificultam a passagem por elas. Por conta desse mesmo esforço é que ele compreendeu a importância de lançar um olhar mais atento ao campo fértil que o brincar e o lúdico representam nos jogos simbólicos da humanidade (aspectos que serão elaborados no próximo subcapítulo do texto).

Portanto, mesmo com sua morte em 1971, o legado deixado por Donald consegue colaborar sobremaneira com a expansão do entendimento psicanalítico no tocante a como o meio e a relação com a cultura influenciam na estruturação e manutenção de nosso mundo interno.

3.1 Seus diálogos com a psicologia e a psicanálise

O espírito curioso de Winnicott e seu profundo senso de comprometimento com as histórias que foi acompanhando ao longo de seus quarenta anos no Hospital Paddington Green resultaram em uma obra que esparramou seus efeitos por todo campo psicanalítico e puderam oferecer contribuições significativas à metapsicologia freudiana.

É difícil elencar todos os elementos da obra que contribuíram para pensar esses novos jeitos do fazer psicanalítico, já que Winnicott utilizava-se deste de maneira um tanto quanto singular, mas aqui tentarei levantar alguns dos elementos primordiais que o ajudaram a construir suas noções sobre o lugar, tempo e valor que a criatividade ocupa no percurso do desenvolvimento emocional humano e na construção do self.

Começo por retomar o fato de que Winnicott foi um dos pioneiros na descrição das perturbações emocionais primitivas, explorando, apoiado em grande medida no trabalho desenvolvido por Melanie Klein, as brechas deixadas por Freud na investigação da pré-história do narcisismo primário. Ali ele descobre um cenário tão rico que passa a perceber que essas perturbações acometiam não apenas crianças, mas também bebês já nas primeiras semanas de vida³⁷. Nos termos de Winnicott, desde o princípio já estamos lançados à tarefa de viver, isso significa dizer que bebês já no primeiro contato com o mundo são seres complexos, capazes de afetar e de serem afetados pelo ambiente que os rodeia.

Esse ser que está lançado ao mundo, vomitado na praia dos mundos sem-fim³⁸, encontra-se em um estado não integrado originário, no qual o corpo é sentido de forma fragmentada, os impulsos estão dispersos e o meio é tomado de forma subjetiva. Porém, existe em todos nós uma potência de superar esse estado e conseguir constituir uma integração de si em uma unidade, de se desenvolver, estar vivo e compor com o quadro de realização simbólica humana. Essa potência, no entanto, só seria concretizada com um ambiente suficientemente bom que deve prover o sustento para esse processo, em um tempo no qual a membrana separativa entre Eu e mundo ainda não está em voga, momento que ele denominou como *fase de dependência absoluta*.

A base para saúde psíquica, e ele entende que um estado saudável deva ser considerado enquanto uma categoria que tem uma qualidade própria, estaria

³⁷ Essa foi uma posição que demorou certo tempo para ser considerada pela pediatria e a psiquiatria infantil, apesar de estas terem progressivamente passado a considerar como os aspectos psicológicos do amadurecimento influenciavam nos processos do adoecer; o que havia de acúmulo sobre o assunto até então era em referência às crianças que já haviam feito algum registro da linguagem (DIAS, 2002).

³⁸ Poema citado pelo autor para ilustrar o primeiro vínculo existente entre mãe e bebê (WINNICOTT, 1971/1975, p. 155-56).

depositada nesse tempo mais tenro da atividade humana. Justamente por relegar essa importância para este tempo, o autor não chegou a ser convencido da centralidade do Complexo de Édipo³⁹ para o início da simbolização humana, posição até então bem estabelecida no meio psicanalítico mais clássico. Para ele, o sustento de suas hipóteses não estaria nos emblemas pulsionais advindos dessa estrutura teatral que é inconsciente e triádica, mas sim das dificuldades do amadurecimento, da constituição de sentidos da realidade de si e do mundo e da capacidade de se relacionar com este. Isso seria para ele o que versa os movimentos da vida.

Chegar a ter uma história depende de processos que não são do domínio da sexualidade e que a antecedem em muito, tais como, por exemplo, a constituição de uma memória pessoal, relacionada a um processo de temporalização do bebê. A integração paulatina do bebê num tempo e num espaço não tem como ser entendida em termos de pulsões. Tempo e espaço não são objetos; tampouco são metas ou forças. No entanto, sem tempo e espaço não há como encontrar objetos e, muito menos, como desejá-los (DIAS, 2002, p.33).

Winnicott foi um dos primeiros autores a centralizar o valor direto do *espaço*, de um *meio* real e concreto na constituição de um Eu, por isso o conceito de ambiente em seu quadro teórico ganha uma nova complexidade em relação ao que havia sido produzido até então. No tempo de dependência absoluta, por exemplo, que é assim descrito porque diz de um momento no qual não há separação alguma entre um mundo interno e externo, toda e qualquer experiência e/ou necessidade terá de ser provida por um outro, por um meio, inicialmente representado pela figura da mãe.

Segundo Thales Ab'Sáber (2021) em trabalho recente, essas experiências iniciais sustentadas pela figura da mãe carregam valor tão primordial na obra de Winnicott porque são elas que permitem a possibilidade da constituição de um Eu e de um Self, pois, partindo do ponto de vista do bebê, o meio, leia-se a mãe, é tomado como uma extensão de si. Nesse momento, mãe-bebê se encontram em um estado de unidade ontológica fundamental⁴⁰ e toda e qualquer experiência vivenciada pela criança será ofertada pela mãe, por um ambiente que deve ser suficientemente bom. Ou seja, que deve se encontrar identificado com ela, mas que

³⁹ (DIAS, 2002)

⁴⁰ (AB'SÁBER, 2021).

vive em um Self separado, imerso na cultura e na linguagem e que consiga se adaptar às necessidades mais vitais da criança.

É esse primeiro vínculo que posteriormente possibilitará uma ilusão de onipotência que terá valor fundamental para a vida emocional do bebê, da criança, do adolescente e do adulto. Ab'Saber (2021) evidencia que aqui estaria um dos importantes paradoxos levantados por Winnicott, uma vez que, mesmo quando um Ego ainda não está presente, as funções psíquicas, o senso de existência e os valores particulares que estão sendo construídos para as experiências que ali se dão, já se fazem importantes enquanto acontecimentos do Self.

A distinção entre Self e Ego na obra winnicottiana não foi claramente demarcada, problema semântico conceitual que ele admite em um texto publicado de 1964⁴¹ e que aqui não acho interessante resolvê-lo. Interessa pontuar que seu entendimento sobre essas duas categorias se faz a partir da leitura que ele faz de Freud sobre o assunto. Assim como o vienense, Winnicott também entende que o Id é preexistente ao Ego, pois a existência deste é fundamentalmente dependente do suporte oferecido pelo ambiente ao longo da unidade ontológica fundamental, em que os instintos existentes ainda são percebidos de forma fragmentada. Assim sendo, para Winnicott, o Ego é um conceito que diz tanto sobre a tendência inata a estar integrado e superar esse estado inicial, quanto sobre o conjunto das experiências que se farão presentes nessa mesma unidade integrada de um sujeito que se tornará psicológico.

Já o Self, o *verdadeiro Self*, corresponderia à continuidade do processo de amadurecimento, que continua a ser dependente do que o meio oferece e que fornecerá experiências singulares de si mesmo⁴². Quando indivíduo sabe mobilizar com criatividade os recursos disponíveis em sua personalidade, é sinal de que um verdadeiro self está em voga. Em *Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro Self* (1960), ele mais uma vez evidencia que a construção de suas contribuições acerca do que ele entende por Self se fazem a partir das experiências concretas de seu trabalho, tanto como pediatra acompanhando mães e seus filhos lactantes, quanto como psicanalista atendendo casos *borderline*, que o ensinaram

⁴¹ (FULGENCIO, 2014).

⁴² *Ibidem*.

muito ao longo de seus processos transferenciais. Ele cita esses dois específicos tipos de atendimento, porque para ele essas experiências contínuas de si já estão presentes desde os primórdios da vida humana e, na verdade, elas teriam origem também na relação mãe-bebê, mais especificamente nos gestos espontâneos de criação que ali surgem a partir da já citada *ilusão de onipotência*.

Essas experiências dizem dos momentos em que a mãe corresponde aos anseios da criança e o bebê tem a percepção mágica de que *criou* o objeto que lhe ofereceram, que lhe parece ser exatamente aquele que imaginava precisar⁴³. De exemplo mais clássico teríamos o momento em que a criança chora de fome e a mãe oferece seu seio ou a mamadeira, possibilitando que a criança tenha a percepção que criou algo perfeito para dar conta de seus anseios. É de suma importância que as experiências referentes à ilusão de onipotência do lactante passem a coexistir com a percepção cada vez mais presente de um mundo externo a ela.

(...) para que esses acontecimentos fundamentais do vir a ser sejam possíveis, o bebê necessita viver ainda uma experiência especial, a experiência da *ligação do valor da realidade externa a ele com seu próprio eu-ambiente subjetivo e onipotente*, o mundo do qual ele parte. Tais experiências de acontecimento no espaço vivo humano oferecido ao bebê – que serão mais tarde expandidas para todo o campo simbólico muito rico do brincar – ocorrerão ao longo de um extenso período da vida da criança, em que ela experimenta e aprende mais amplamente com as formas da realidade externa, *inscrevendo-as também como mundo interno*. (AB' SÁBER, 2021, p.66, *grifos do autor*).

A importância disso está contida no fato de que, ao ligar uma nova realidade objetiva que faz parte de um não eu, mas que se encontra (ainda que temporariamente) sob controle mágico de um Eu subjetivo e onipotente, há a possibilidade de se enriquecer com essa nova realidade, de se utilizar dessa alucinação em atividades de criação mais desenvolvidas (como nos fenômenos e objetos transicionais, no sonho, na imaginação e no brincar) e não sucumbir diante da percepção traumática de que o ambiente, já que está fora de seu controle absoluto, pode ser perdido ou destruído por completo.

⁴³ Cabe aqui lembrar que essa percepção é possível porque nesse momento a mãe ainda é tomada pelo bebê como uma extensão de si.

No caso de falhas contínuas do ambiente em sustentar esses gestos espontâneos há o surgimento de um *falso self*, que é quando o sujeito se vê obrigado, por uma exigência do meio, a se submeter a um ambiente que falhou em sustentar um processo contínuo de si. Ou seja, o gesto espontâneo que deveria ser do próprio bebê é substituído por um do próprio ambiente.

Winnicott não descreve o falso self em termos de um sintoma, mas sim como uma espécie de defesa, uma barreira levantada pelo sujeito para tentar preservar de alguma forma seu self verdadeiro, e prevê que no viver normal existirá sempre um certo grau de submissão às exigências do meio, que obrigará o sujeito a uma espécie de conciliação entre aquilo que queremos e aquilo que é possível de ser obtido na realidade. Mas o caráter de sofrimento viria em um contexto no qual o Self está imerso em um ambiente patológico que é violento ao ponto de reivindicar e destruir o estado mais próprio do que é percebido pelo britânico como o Ser humano, que é o Ser criativo⁴⁴. A submissão maciça ao meio, essa exigência de uma superadaptação doentia que caracteriza o falso self, estaria ligada a um estado que é próprio da doença, pois “traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida” (WINNICOTT 1971/1975, p. 108).

Porém, se o meio consegue sustentar os gestos criativos espontâneos da criança e se tudo vai relativamente bem na justaposição dessas duas áreas, da realidade objetiva com o do Eu onipotente, no início da integração psicossomática, dá-se início a constituição de um Ego circunscrito, que se relacionará cada vez mais com a realidade e que passa progressivamente a ser capaz de perceber o ambiente objetivamente. Winnicott desemboca esse processo didaticamente em 3 etapas, mas que efetivamente fazem-se em paralelo: a integração, a personalização e a realização.

“Primeiramente”⁴⁵: a integração, que diz da superação daquele estado não integrado originário. Aqui, os tantos impulsos anteriores passam a estar organizados em uma unidade. Efetivamente falando esse é o efeito dos cuidados maternos, das técnicas de cuidado que alguém tem com a criança, a rotina estabelecida, a

⁴⁴ Cenário que pode acontecer em qualquer momento do amadurecimento emocional.

⁴⁵ Mas lembrando que essa separação é apenas didática.

apresentação do mundo de uma forma simplificada que o bebê dê conta de lidar nesse período inicial da vida, um certo jeito de segurá-lo, niná-lo e amamentá-lo⁴⁶. São esses os cuidados que possibilitarão um momento na vida do bebê em que existem novas possibilidades de experimentação de sentidos, agora sob uma integração entre psique-soma numa experiência contínua de si.⁴⁷

Posteriormente, temos a personalização, que nada mais é do que uma continuidade do processo de integração, mas que aqui corresponde a uma crescente percepção de habitar, de se estar dentro do próprio corpo e de corporificar os sentidos que emergem, mas agora em um corpo único que até então era vivido de forma fragmentada. De exemplo desse processo de gradualmente guardar as experiências de sentido dentro de um corpo, que foi inicialmente vivido em partes, podemos citar o famoso caso recuperado por Ab'Saber (2021) do bebê das convulsões atendido por Winnicott em 1931, que conseguiu descobrir, apoiado pelo colo do psicanalista, que a espátula que brincava podia ser arremessada para longe, mas seus dedinhos do pé não.

A realização, por fim, corresponde a um momento em que o bebê passa a ser capaz de iniciar um processo de maior complexidade, que consiste em desfrutar da conquista dessa nova noção de tempo e espaço e de seus fluxos com a realidade externa, conquista advinda desses momentos de integração e de personalização.

Portanto, essa unidade psique-soma descrita pelo autor se constituirá a partir da qualidade de sustento oferecida pelo ambiente, e que para permanecer assim ao longo da vida é necessário que esse ambiente, que ao longo do amadurecimento passa a ser representado por outros segmentos sociais e culturais em que o sujeito está inserido e não apenas encarnado na figura da mãe, continue a possibilitar a continuidade de existência de si e do Self.

Assim, como afirma Ab'Saber (2021) é importante já aqui destacar alguns pontos que se sobressaem na descrição apurada que Winnicott faz sobre o

⁴⁶ Winnicott criou 3 diferentes conceitos para descrição dessas funções vitais da mãe suficientemente boa: o holding, handling e a apresentação de objeto. (*Ver mais em* ARCANGIOLI, 1995).

⁴⁷ Também considero importante pontuar que Winnicott (1960/1983) reforça que essas técnicas nada tem a ver com saberes especializados, no sentido de que não deveriam ser substituídos por saberes médicos, psicológicos, psiquiátricos ou de qualquer outro profissional da saúde, mas que a sofisticação desse cuidado tem a ver com o fato da mãe estar identificada com a criança e que, portanto, sabe muito bem como protegê-la e cuidá-la, possibilitando que o bebê possa agir junto com o ambiente e não assumir uma atitude reativa a ele.

desenvolvimento do Eu. O primeiro deles é o lugar central que a categoria *tempo* ocupa em sua obra. De forma semelhante ao valor que o *meio* tem na teoria do inglês para o desenvolvimento emocional, é interessante averiguar que existe uma certa *temporalidade* nos fenômenos descritos por ele que irão atuar como uma espécie de marca-passo vivo ao longo dos primeiros momentos de atividade psíquica, corpórea, mental... enfim, das coisas humanas como um todo. Esse tempo não apenas marca os passos em si, mas também compõe parte do processo.

A primazia do tempo na experiência humana figura, enfim, em sua noção da articulação e integração do corpo e do espírito do bebê, *também acontecimentos no tempo e do tempo*, dos processos originários que ele chamou de seu *desenvolvimento emocional primitivo* (AB'SABER, 2021, p.12, *grifos do autor*).

De forma semelhante, podemos notar que desde o início a noção de *espaço* e *meio* também ocupam lugar privilegiado na obra do autor. Notamos que todas as experiências que irão vir a compor o pano de fundo que dará vazão à integração psicossomática são diretamente oferecidas pelo ambiente. Ou seja, a formação de sentidos da vida humana para o autor se faz em meio à natureza qualitativa de um encontro entre uma mãe (ou a figura que representa esse papel na vida da criança) e seu filho, do encontro entre dois seres humanos que estão em momentos radicalmente diferentes de desenvolvimento e que, portanto, este último precisa ser pensado enquanto um ser em acontecimento que parte dessa relação, que está aberto ao outro, a essa relação concreta e viva do real que vai sendo descoberta e experimentada como digna de confiança.

Posteriormente, Winnicott irá correlacionar as experiências de sofrimento que escuta de seus pacientes (crianças e adultos) com as falhas de uma experiência de continuidade de si, que continua a ser correlato direto de uma experiência *no tempo e do espaço*. A saúde para esse autor está diretamente ligada ao amadurecimento e à maturidade, que, em termos winnicottianos, dizem de uma movimentação dialética entre essa experiência contínua de si proporcionada pelo meio e a capacidade de compor com o quadro geral deste, seja para mantê-lo ou para transformá-lo.

Diante disso, da vida que se constituirá a partir de um encontro que se dá entre dois mundos, a categoria “entre” acaba tomando valor central na produção de Winnicott. Ele passa a perceber a necessidade de se enunciar uma via intermediária

existente entre realidade psíquica interna e o mundo objetivamente percebido e começa a lançar um olhar mais atento para o local que a ilusão, a brincadeira e a cultura ocupam no desenvolvimento emocional.

O fio condutor desse entre, dessa área intermediária de experiência entre o que é percebido objetivamente como mundo exterior e entre o percebido subjetivamente, que será denominado pelo autor como *espaço potencial*, são aquelas experiências ilusórias de onipotência desta relação inicial mãe-bebê. A mãe suficiente boa se aproximaria relativamente bem desse gesto espontâneo criativo e assim permite, ao oferecer um objeto real que, paradoxalmente, é criado pelo bebê, que a criança em questão passe a integrar o meio cultural.

Por mais que gradualmente haja a percepção crescente que exista um mundo anterior à sua existência, esse sentimento de que ele foi criado pela criança irá se sustentar ao longo da vida e é de vital importância que assim seja, já que a criatividade, do ponto de vista winnicottiano, é uma categoria tão polissêmica quanto o próprio desejo em Freud, ou como os impulsos destrutivos em Klein, pois, para ele, o que constitui o ser humano é um ato de criação⁴⁸.

Dito de outra forma, para o inglês, esse espaço que paradoxalmente responde ao mundo interno e ao externo se mantém como um lugar-momento de repouso diante das demais realidades, como um recurso a ser utilizado diante da árdua tarefa de manter vida psíquica e realidade concreta separadas, mas em relação. Esse valoroso espaço de realidade humana será ocupado por todas as atividades da vida correlacionadas à criatividade, como o brincar, a linguagem, as artes, as ciências e tudo mais que diga respeito à cultura. Winnicott reforça novamente aqui que as atividades que ocorrem nesse espaço possibilitam aquela sensação de continuidade de si no tempo e espaço, essencial e básico a toda forma de vida⁴⁹, mas que pode ser reivindicado e destruído por um meio extremo e violento, aspecto que abordaremos mais adiante para pensar possíveis diálogos com a teoria fanoniana.

(...) Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a

⁴⁸ AB' SÁBER (2021).

⁴⁹ WINNICOTT (1971/1975).

criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural. A característica especial desse lugar em que a brincadeira e a experiência cultural têm uma posição, está em que ele depende, para sua existência, de experiências do viver, não de tendências herdadas (WINNICOTT 1971/1975, p.172).

De início, por volta dos 6-8 meses, conforme a criança avança no descobrimento do real e de seu mundo interno, as primeiras experiências a ocuparem esse espaço são o que Winnicott denominou como fenômenos e objetos transicionais, assim chamados para designar objetos que encarnam essa transição pelo tempo do estado de vínculo para o de independência relativa, em um momento no qual começa um maior refinamento da percepção do objeto como um não-Eu, mas que ainda não é reconhecido plenamente como exterior. O autor diz que não se trata tanto do ursinho, da boneca, do pano ou de qualquer outro objeto escolhido pela criança, mas sim do uso que ela faz dele⁵⁰, representando, em um pedaço simplificado da realidade, o primeiro objeto de relação, mas que agora possibilita um controle pela via da manipulação e não da onipotência, e que tem importância na medida em que suporta e sobrevive a qualquer intensidade ou gesto psíquico da criança.

Com o tempo e avanço dessa criança sob o espaço cultural, é natural que a pessoa passe a desinvestir desses fenômenos, porque suporta lidar com pedaços da realidade cada vez mais complexos. Portanto, os fenômenos e objetos transicionais passam a estar difundidos por todas as atividades que mantêm essa mesma característica de transição entre mundo subjetivo e objetivo, mas que o interligam, um desafio que se mantém ao longo da vida. Todas as atividades que carregam esse traço na teoria winnicottiana dizem respeito à criatividade e ocupam o espaço potencial. Mais uma vez estamos falando das brincadeiras, das artes, ciência, religião, sonho, chistes, atos falhos etc.

Essa categoria do brincar, que é uma evolução direta dos fenômenos transicionais, na obra de Winnicott ganhou uma centralidade que até então não havia sido explorada pela produção psicanalítica. Diferente de apenas uma forma de sublimação instintual como antes era descrita, o brincar para ele carrega em si uma

⁵⁰ WINNICOTT (1971/1975).

tremenda relevância simbólica por representar, quase que de forma exclusiva, uma possibilidade da criança e do adulto fruírem de sua liberdade criativa constituinte do Self e de mobilizar recursos de sua personalidade integral para lidar com as dinâmicas conflitantes da vida. Portanto, a brincadeira para Winnicott comporta uma clara expressão de saúde e de existência humana ao proporcionar a importante conquista de que a vida vale a pena de ser vivida, na medida em que consigo ser criativo com ela.

Em outros termos, é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros (WINNICOTT 1971, p.10)

Ao passar por alguns dos aspectos fundamentais da teoria de Winnicott podemos percebê-lo como um autor que se interessou na investigação da “força da criação e do prazer de se estar vivo na cultura” (AB’ SÁBER 2021, p. 92). Em um paradoxo que bem caracteriza esse autor, ao ser inteiro e inexoravelmente ele mesmo, abriu espaço para que cada um que mergulhasse na palavra viva de sua obra construísse uma percepção própria das suas contribuições (KHAN, 1984).

Justamente por conta disso, por esse caráter de sua obra, encontro brechas para pensar pontes entre duas teorias que não necessariamente estavam comprometidas com a mesmas temáticas, sendo de extrema importância que seja reconhecido que tanto a obra de Fanon quanto a de Winnicott possuem uma rede complexa e articulada de pensamento que estiveram voltadas para diferentes aspectos do mundo social e psíquico. Mas ainda assim, quando esses autores falam sobre a possibilidade de se viver uma vida mais livre e digna em contrapartida a uma que se encontre submissa a exigências doentias de um meio patológico, vejo um espaço potencial de criação entre duas escritas que se fazem sob letra viva.

4 DAS ENCRUZILHADAS ENTRE FANON E WINNICOTT

É importante que esse capítulo seja iniciado pela pontuação de que o diálogo que será apresentado não se faz em um esforço de transformar Fanon em um psicanalista, ou ainda, transfigurar o compromisso teórico de Winnicott em uma análise sociogênica da alienação da liberdade do homem. O que se pretende é que possamos construir uma teia inventiva de análise, amparada pelos diferentes caminhos propiciados pelas duas obras, que nos permita refletir sobre os possíveis efeitos do encontro com a cultura em nossa subjetividade e em nossa capacidade criativa.

Ambos os autores se preocuparam em pensar os efeitos de um meio violento na constituição emocional e desejanste dos sujeitos com que trabalharam ao longo da vida. Para o britânico, um meio patológico seria aquele que captura o que há de mais espontâneo no mundo interno – os gestos criativos – visando a produção de um sujeito que esteja tão ancorado na realidade ao ponto de se encontrar anestesiado, adaptado o suficiente, de modo que não consiga estar em um estado apto para compor, criar, modificar e tomar partido diante da vida comunitária.

Como as investigações do autor estiveram direcionadas para o universo primitivo do narcisismo, é verdade que quando Winnicott descreve essa superadaptação do ego característica de um falso self que é resultante de um meio que substitui o gesto criativo do sujeito pelo seu, geralmente é sob os termos dessa primeira relação ontológica mãe-bebê, condutora do desenvolvimento e amadurecimento emocional de todos nós⁵¹. Mas também é igualmente verdadeiro que existe uma reivindicação constante ao longo de seus textos de que um estágio saudável de independência relativa não é um que esteja concluído em si mesmo, que permaneça constante, ou mesmo que em algum momento o meio deixe de fazer parte do desenvolvimento pessoal do indivíduo. O corolário da obra winnicottiana na verdade é o de que a criatividade sempre estará em relação⁵² com a vida (WINNICOTT, 1971/1975) e que, portanto, esse estado criativo será sempre passível de ser reivindicado e destruído por um meio de extrema violência, já que “o

⁵¹ WINNICOTT (1960/1983).

⁵² Donde presume-se a ideia de um processo que se faz constante pela inconstância.

comportamento do ambiente *faz parte do próprio desenvolvimento pessoal do indivíduo*⁵³.

O curioso é que uma das ilustrações que ele escolhe fazer de um cenário de uma comunidade patológica que destrói o ser criativo e produz um falso self em nome de uma superadaptação⁵⁴, talvez tomado por sua experiência enquanto um homem branco europeu que atuou diretamente na guerra, são os campos de concentração que habitaram as terras europeias ao longo das décadas de 30 e 40⁵⁵.

Fanon (1952/2020) por outro lado diz que um dos sintomas mais violentos da comunidade patológica produzida pelo colonialismo é a aparente simplicidade, a naturalidade com que o Homem branco passa a enclausurar o Homem negro em uma imagem fetichizada, que é construída a partir de suas próprias taras e vícios distorcidos e fetichizados. A violência estaria na naturalidade com que se consegue transformar a experimentação de si, de nossas contradições, afetos e desejos em uma corrida por um labirinto nauseante na busca de um sentido humano que é arrancado da pele negra.

Pensando em termos winnicottianos, poderíamos inferir que o processo de desumanização do homem colonizado descrito por Fanon é construído em um meio que falha porque nega um tempo próprio de experimentação de si às pessoas que o habitam, nega a construção de sentidos próprios em relação ao corpo, aos afetos e pensamentos, nega inclusive a construção de uma linguagem e de uma assimilação cultural que seja própria. Daí resulta o desejo de ser branco, de vestir uma máscara que seja branca, um falso self que emerge porque busca proteção contra a imagem animalésca que vem sendo imbuída a corpos negros e estrangeiros em mais de cinco séculos da história humana.

Para analisar o self winnicottiano sob os temas desse meio ambiente patológico do colonialismo investigado por Fanon é importante que retomemos brevemente o entendimento que ele tinha sobre a forma com que a subjetividade é

⁵³ (WINNICOTT, 1971/1975, p.88)

⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵ Aqui poderíamos pensar com Cesáire (1950/2020) de que o exemplo elencado por Winnicott não foi escolhido a esmo com o que continua a ser considerado enquanto uma das maiores representações históricas da capacidade de barbárie humana.

Uma das ideias contidas no livro do professor de Fanon é a de que o crime de Hitler não foi a barbárie em si, mas foi a barbárie contra o homem branco, foi aplicar as técnicas de tortura colonialistas, que até então só haviam sido direcionadas a povos que não eram exatamente considerados enquanto humanos, em território europeu.

construída na modernidade. Segundo a sociogenia do autor que é inaugurada em PNMB existe uma espécie de processo dialético entre a manutenção e desenvolvimento político-social das instituições que são feitas a partir do agenciamento particular de cada sujeito e o impacto que essas mesmas instituições têm sobre os sentidos humanos que são construídos coletivamente⁵⁶. Ou seja, para ele, a constituição da subjetividade se faz e refaz a partir de uma determinada materialidade histórica, em meio a processos políticos, econômicos e de disputas pela produção e divulgação do saber, processos que também se fazem igualmente dependentes dessa mesma subjetividade que é historicamente forjada.

Por tanto, partindo de um ponto de vista fanoniano, analisar esse meio patológico que captura o ser criativo descrito por Winnicott implica que o pensemos em suas determinações históricas concretas. O que significa dizer que para pensar os impactos da racialização sobre o self precisamos considerá-los no contexto da expansão violenta da economia capitalista, que, ainda pensando com Fanon, usurpa da imagem humana do outro para que a superexploração da força de trabalho fique justificada ou que, em alguns casos, sequer necessite de alguma justificativa. Já que nesse estado econômico de organização que funda subjetividades e as finca em determinados lugares dicotômicos, há a imagem super-humana que foi feita do Branco de um lado, para onde estão direcionadas as políticas de garantia de direitos, e do outro o eterno vir-a-ser da coisa em si que foi feita do negro, em que resguarda-se o descaso e o abandono.

O interessante dessa ideia de Fanon é que esse eixo de desumanização que irá rotacionar o homem moderno faz com que tanto o negro quanto o branco estejam enclausurados em sua raça⁵⁷, pois o branco, quando constrói o corpo fobógeno do negro a partir de suas próprias fantasias e se autoriza a qualquer tipo de violência que seja direcionada a este corpo, também se aliena de sua própria humanidade. Ou seja, a lente dialética do reconhecimento hegeliano está esfumada para ambas as partes diante desse mecanismo esquizofrênico de relação da modernidade na qual o Ser de alguns está fincado na inexistência de outros.

No entendimento da obra winnicottiana, a própria saúde que caracteriza o verdadeiro self estaria radicalmente afetada por esse cenário, uma vez que ela se dá

⁵⁶ (DEIVISON, 2018).

⁵⁷ Ainda que essa proposição tenha efeitos concretos discrepantes que serão expressos em divisões sociais marcadas por uma divisão racial do trabalho (DEIVISON, 2018).

e se refaz a partir de uma relação concreta entre dois corpos que se encontram imersos na cultura. A experiência de continuidade de si que é tão central à manutenção do verdadeiro self, é fundamentalmente dependente de que o que se encontra refletido nesse mundo cultural possa suportar e sustentar o que se apresenta de mais genuíno do mundo interno, para que assim seja possível compor, manter e transformar o que é encontrado na realidade concreta.

Fanon nos alerta justamente sobre como esse olhar de reciprocidade humana está barrado na cultural de dominação colonial, uma vez que ela se rotaciona no entorno desse eixo de desumanização que é necessária para a expansão das relações capitalistas, no qual se finca uma separação da humanidade e das relações de trabalho a partir da divisão racial do homem. Também como já exposto, um dos esclarecimentos trazidos em PNMB é que o que se encontra diante do olhar do outro branco, da cultura branca, não é um sustento, uma curiosidade, um afeto, ou muito menos um desejo de se (re)conhecer o que o outro me oferece, mas sim um protótipo petrificado e mimificado de algo maldito. Logo, as importantes atividades que ocupam o espaço potencial descritas por Winnicott, já que se fazem em relação com a cultura, também estarão afetadas por esse processo.

Talvez seja interessante retomar mais uma vez nesse ponto que na leitura de Guimarães e Podkameni (2008) sobre o lugar que corpos negros ocupam no imaginário brasileiro, as violentas experiências de cunho racistas advindas dessa lógica de objetificação do outro são traumáticas na medida em que rompem radicalmente com as proposições do paradoxo de transacionalidade winnicottiano. Pois, onde residiria a potencialidade de criação que transforma a falta que se dá entre os desejos do narcisismo primário e as leis de cada cultura, está o labirinto que culmina sempre em saídas de autodestruição, já que seus caminhos convergem entre as duas inconciliáveis proposições: de um lado, o estímulo da cultura capitalista de ser sempre a melhor versão de si mesmo, e do outro, a negação de qualquer gesto que fuja do arquétipo reservado ao homem de cor.

Quando pensamos junto com a obra de Fanon sobre os efeitos disso nas atividades que ocupam o espaço potencial, no que se refere ao uso da linguagem, por exemplo, descrita pelo britânico como uma das formas com que a brincadeira e a criatividade expressam-se, Fanon diz que a absorção da língua colonizadora é efeito direto do violento sepultamento de algumas culturas que se viram forçadas à

assim fazê-lo diante da exigência, simbólica e real, da Europa de que elas estivessem encarnadas na imagem do atraso e da escuridão.

Essa absorção da linguagem do colonizador é tão visceral que não está expressa unicamente pelo idioma propriamente dito, mas pela entonação, o timbre e a forma como essa linguagem se faz presente no corpo. Nesse sentido, o aspecto de ponte entre dois mundos distintos, mas que se mantém em relação pelo cuidado das atividades que ocupam o 'entre' winnicottiano, adquire forma de barreira.

Novamente trazendo Guimarães e Podkameni (2008), quando os autores pensam a relação do ser brincante com o meio ambiente, eles dizem que o que há de mais próprio da brincadeira implica não um fazer 'como se', mas sim fazer 'sempre de novo'⁵⁸. Ou seja, não é sobre imitar a realidade, mas sim recriá-la a partir de suas interpretações mais próprias. Poderíamos então pensar que essa transformação fenotípica descrita por Fanon do homem que se reconfigura a partir de seu encontro com o mundo branco aproxima-se de um brincar que se apresenta adoecido, uma vez que não há espaço prescrito para criação e uso de sua própria língua, mas apenas para mimificar a linguagem do outro, já que a sua foi calcada na inferioridade.

Um ser criativo para Winnicott, um que consiga usufruir dessa capacidade real brincante de se fazer sempre de novo, demanda do ambiente segurança para que se ouse de sua mente e de seu corpo um estado relaxado diante do lugar de instabilidade e insegurança que é o lugar próprio do humano. É somente na espontaneidade que é possível se sentir vivo e livre para criar e recriar, ao mundo e a si mesmo.

A situação colonial que Fanon descreve, no entanto, diz de um meio que exige que toda intencionalidade dos gestos e de qualquer outro resquício de humanidade estejam voltados para a raça branca. Com esse ataque direto às experiências de criação que possibilitam e que compõem o descobrimento do verdadeiro self exige-se o surgimento desta dimensão distorcida de si⁵⁹ que deseja a máscara branca

Compreendemos agora por que o negro não é capaz de se satisfazer em sua insularidade. Para ele, só existe uma porta de saída e ela se abre para

⁵⁸ (BENJAMIM, 2002 *apud* GUIMARÃES; PODKAMENI, 2008).

⁵⁹ Dito de outro modo, exige-se o surgimento dessa dimensão protetiva do self, o *false self*.

o mundo branco, essa vontade resoluto de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parcela de ser ou de ter que entra na constituição do ego. Como dizíamos há pouco, é pelo interior que o negro tentará alcançar o santuário branco. A atitude se refere à intenção (FANON, 1952/2020, p.66).

Quanto mais próximo do pensamento, corpo, do afeto e do desejo branco, mais próximo se estará do que há de mais humano. Portanto, o primeiro passo para se acertar com essa “pureza” do Ideal de Ego branco é a negação de todo o esquema referencial e do bloco psíquico acumulado até então. Daí a polêmica afirmação do martinicano de que “O negro quer ser branco”⁶⁰, pois “(...) o branco se empenha em atingir uma condição humana”⁶¹. O desejo por uma máscara branca poderia ser traduzido como um desejo de saída desse labirinto neurótico infernal, um desejo por um resgate da existência.

Essa categoria do desejo em Fanon, como já exposto, implica que a pensemos de modo que ela esteja situada nos termos de um determinado tempo e espaço. Essa identificação subjetiva com o falso self da máscara branca se faz em um contexto em que o inconsciente coletivo europeu, que é resultante dos processos históricos e culturais da empreitada mercantilista do leste da Europa ao longo dos séculos XIX e XX, foi responsável pela construção de um bode expiatório corporificado na figura do negro, em um tipo de horror que, segundo Fanon, obedece à ordens pré-lógicas.

Então, o primeiro projeto de ataque do colonizador passa a ser o corpo do colonizado, pois este passa a ser o representante no imaginário europeu de uma espécie de ereção contínua, por conter em si uma potência sexual alucinante da qual apenas um corpo animalesco, ligado ao arcaico e enraizado na natureza pode ter. Portanto, seguindo essa lógica, é preciso que este corpo seja contido na medida em que representa uma ameaça à virtude do pensamento branco, responsável pela construção do mais alto nível de civilização vista ao longo de toda história humana. Toda ação do colonizado, do homem negro passa a estar focalizada na figura do homem branco em decorrência deste olhar fetichizado que lhe é lançado, que exige um conhecimento de si que será sempre em terceira pessoa.

⁶⁰ (FANON, 1952/2020, p.23)

⁶¹ *Ibidem.*

Quando pensamos em corpo no entendimento winnicottiano talvez nos caiba retomar que para ele o processo de personalização, ou seja, guardar as experiências de sentido dentro de um corpo que foi inicialmente percebido de forma fragmentada, implica que esse corpo seja sempre sustentado e investido libidinalmente para que uma boa experimentação deste possa ocorrer. O amadurecimento psicossomático, portanto, é um processo que depende fundamentalmente do que encontro no ambiente, no que extraio de uma relação com o outro que deve partir de um princípio de confiabilidade.

Se o cenário é de um ambiente que falha cria-se a sensação de uma espécie de falta de fronteiras, o que perturba a percepção contínua de si e acaba por dificultar a coesão psicossomática. Poderíamos pensar que esse processo de personalização passa a estar prejudicado na medida em que os elementos oferecidos pelo meio não são resíduos de uma experimentação do mundo própria, mas de elementos oferecidos pelo outro, que exige que aqueles estejam fincados sob a pele⁶².

Há alguns trechos ao longo de PNMB em que o martinicano analisa que uma das expressões alienadas de si resultantes dessa busca violenta e incessante pela cidadania e humanidade perdidas está expressa no uso da e pela educação europeia com que alguns estudantes antilhanos se reportam até a academia do mundo ocidental. Talvez por ele próprio se tratar de um jovem intelectual antilhano que escavilhava a própria pele e o mundo afora tentando conhecê-lo com algum resquício de objetividade, esse é um exemplo que se faz recorrente ao longo de PNMB.

No entanto, esse é um caminho que mostra uma fonte de dor e frustração tanto quanto qualquer outro que vise o apelo ao reconhecimento do branco. Onde se busca razão, é devolvida a irracionalidade; onde se busca afeto, o ofertado é a violência que muitas vezes se mascara de indiferença; onde se busca curiosidade o retorno é o fetiche; onde se busca troca, a imagem refletida é a opacidade de correntes que queimam a pele.

⁶² Aqui podemos observar mais uma vez outra forma com que o meio colonial que divide homens por raça concretiza a substituição do gesto criativo do sujeito pelo seu, processo que resulta na construção de um falso self, representado na obra de Fanon por uma máscara que é branca.

Li com atenção. Era ódio; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça. Estava diante de algo irracional. Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante para a criança do que o contacto com o racional. Pessoalmente eu diria que, para um homem que só tem a razão como arma, não há nada de mais neurótico do que o contato com o irracional (FANON, 1952/2020, p. 133).

Winnicott (1960/1983) já havia descrito que quando um falso self se organiza em um indivíduo de grande potencial intelectual existe uma tendência de se fazer da própria mente a morada dessa dimensão distorcida de si. Ou seja, na tentativa do self de proteger uma dimensão dele que é atacada pelo meio – leia-se o verdadeiro self – há um alto investimento e aposta no desenvolvimento intelectual. Entretanto, o resultado é um processo que exprime uma espécie de cisão entre esta atividade intelectual e a existência psicossomática. Quadro esse que no entendimento de Winnicott é uma expressão adoecida de si, uma vez que a mente na saúde não se faria em uma ferramenta utilitarista para se afastar da própria experiência corpórea, e o contrário também se faz verdadeiro, já que em uma expressão saudável de si o que ocorre é uma existência contínua e dialética que se faz entre dois desde os tempos do narcisismo primário.

Nos casos dos estudantes estrangeiros de cor que Fanon (1952/2020) relata em seu livro, podemos observar bem esse processo na medida em que o cenário descrito é que, quando um homem negro tem acesso ao pensamento branco, o que ocorre é de fato uma espécie de ruptura com o arquétipo de selvageria que foi feito de sua pele, aquela atrelada ao primitivo e ao carnal. Que a cor continue a ser negra se tenta fazer apenas um detalhe, pois há certa fuga da imagem animalésca já que “Recusam-se a considerá-los negros autênticos. O negro é o selvagem, enquanto o estudante é um evoluído” (FANON 1952/2020, p. 84). No entanto, mais uma vez, no movimento pendular neurótico de homens racializados, é sob esse mesmo detalhe que os holofotes do reconhecimento estarão voltados. Ainda que um estudante negro tenha uma certa mobilidade social um pouco maior quando tem acesso a algum lugar reconhecidamente de prestígio do mundo branco ocidental, ele tem que, contínua e repetidamente, se provar humano diante do branco, pois

Quando me amam, dizem que é a despeito da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é por causa da minha cor... Por um lado ou por outro, sou prisioneiro do círculo vicioso” (FANON 1952/2020, p.131-132).

Se não pelo pensamento, pelo corpo ou pela linguagem, o desejo do falso self pela máscara branca pode também direcionar-se para os afetos. Assim como diz Fanon (1952/2020), os movimentos da vida do humano não apenas se fazem em impulsos agressivos em direção à conquista e à subjugação, mas também em direção ao amor, ao perder-se e encontrar-se nos olhos valorativos de reconhecimento do ser amado, e no desejo por merecer sua admiração que desemboca numa brincadeira entre ciclopes de tecelagem do olhar que devolvemos à realidade.

O problema é que em mundo cindido por uma estrutura de exploração racializada, onde a imagem de humano está fincada em uma representação única do ser que é mergulhada em complexos e traumas, mais uma vez, o que se almeja não é o acesso ao gesto do outro, mas sim a humanidade que se encontra alienada na raça. O que se deseja não é o mergulho entre dois espaços potenciais que possam complexificar a sua maneira de interação com o real, mas sim um mergulho na branquitude.

Essa descrição de Fanon dos efeitos e sintomas na subjetividade resultantes desse desejo por branquear-se nos diz que o trauma de um antilhano⁶³ se dará no encontro com o olhar branco e não dentro do ambiente familiar. Os sintomas neuróticos serão agravados pelo abandono real e concreto do meio social e não enquanto resultantes do complexo de Édipo. O que se dá na verdade é que o comportamento “anormal” do homem de cor tende a progredir conforme o ambiente de suporte do ego passa também a ser ocupado por instituições presentes na cultura.

A partir daí Fanon descreve que o processo que entra em voga é a exigência do meio de que seja feita uma escolha esquizofrênica entre a preservação e enriquecimento do que vinha sido construído até então, ao que poderíamos novamente nos apoiar na teoria winnicottiana (1960/1983) no que se refere a manutenção das experiências contínuas de si, características de um verdadeiro self, ou então sepultar esse antigo sistema de referência em nome de um novo mundo

⁶³ Tomado por referência por se tratar do contexto em que o autor vivia, mas que ele ressalta que suas investigações também foram confirmadas ao estudar o comportamento de outros povos que viveram em colônias.

apresentado como única possibilidade de representação humana, características de um falso self.

Uma das características mais violentas e até perversas⁶⁴ desse processo é que ele se configura como um ataque direto à manutenção do verdadeiro self, já que ele atinge o encontro entre dois seres criativos que podem trocar suas experiências a partir das suas elaborações que transicionam entre mundo interno e externo. O encontro ofertado, pelo contrário, acaba por quebrar violentamente os recursos psíquicos e culturais de uma das partes. O que ocorre não é uma troca, mas sim uma exigência de total subjugação.

Vestir a roupagem de uma máscara branca é um excelente exemplo da dimensão defensiva do falso self, que é uma de suas principais características. Essa distorção do próprio self visa tentar proteger de alguma maneira a experiência sensível de si mesmo. Este cenário que Fanon descreve é tão radicalmente violento que podemos pensar que esse meio não apenas falha em sustentar o gesto criativo do ser, mas exige sua aniquilação. Vestir uma máscara branca, o desejo pelo embranquecimento, é uma tentativa de recuperar minimamente um estado humano que lhe é negado, tentar ocupar algum lugar social de respeito, de reconhecimento, é uma tentativa de gozo, de se deixar queimar diante das contradições mais próprias da condição humana.

Existe uma zona do não ser, uma região extraordinariamente árida, uma encosta perfeitamente nua, *de onde pode brotar uma aparição autêntica*. Na maior parte dos casos, o negro não goza da regalia de empreender essa descida ao verdadeiro inferno (...)

O negro é um homem negro; isto é, em decorrência de uma série de aberrações afetivas, ele se instalou no seio de um universo do qual será preciso removê-lo (...)

O negro quer ser branco. O branco se empenha em atingir uma condição humana. (FANON, 1952/2020, p.22-23, *grifo nosso*).

Este arsenal de complexos imbuídos pelo desejo da branquitude fará com que homem colonizado tenda a acertar o passo com esse mundo branco por meio das diferentes dimensões da vida afetiva já expostas neste capítulo pois “(...) o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de Branco” diz Fanon (1952/2020, p.163).

⁶⁴ Aqui usada no sentido que Lustroza (2009) emprega ao termo quando fala da formação do laço social no modelo econômico capitalista em que a relação entre pares se torna refém de um sujeito desejanste que é direcionado a estabelecer relação com um gadget, ou seja, com uma engenhoca natimorta de mercado.

Essa transformação subjetiva se faz tão encarnada e violenta que o apelo por essa máscara passa a não apenas ser tomada como a vestimenta de uma fantasia protetiva, mas como a adoção de sua verdadeira subjetividade, ficando a ideia de se ter e de se ver inteiramente branco, com uma pequena ressalva de que esse processo apenas não se conclui porque a pele permanece negra, mas o desejo é de se fazer desse fato apenas um detalhe de sua brancura.

Winnicott (1960/1983) já havia descrito que em uma dimensão mais adoecida do falso self, em que ele se encontra organizado em um alto grau de rigidez defensiva contra o meio, está prevista sua adoção como manifestação verdadeira do self. Quadro este que estaria expresso em todas as relações de convivência que concernem a vida humana, nas amorosas, familiares e também nas de trabalho. No entanto, por mais que este aspecto do self encontre-se nesse estado rígido e organizado ele segue se apresentando falho na medida em que, no encontro com o real, com a cultural, lhe é exigido sua apresentação de forma integral.

A complexidade do paradoxo apresentado por Fanon em PNMB no entanto, nos convida a pensar que para o homem colonizado é justamente nesse encontro com o real que este homem é obrigado a se enxergar em uma situação traumatizante e desorganizadora de si. Traumatiza porque o dilema apresentado produz um paradoxo neurótico que não prevê solução, pois por mais que exista um desejo por se fazer da pele negra um mero detalhe, a atenção sempre estará voltada para este detalhe. As opções para se continuar existindo em uma condição humana, na empreitada por se reivindicar essa humanidade que lhe foi retirada, se fazem a partir de apenas dois caminhos que visam sempre a subjugação do homem de cor: ou em direção ao branqueamento ou em direção à própria morte.

Para ele só existe uma porta de saída e ela se abre para o mundo branco. Daí essa preocupação permanece em atrair a atenção do branco, esse anseio de ser poderoso como o branco, essa vontade resoluta de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parcela de ser ou do ter que entra na constituição de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro tentará alcançar o santuário branco. A atitude se refere à intenção (FANON, 1952/2020 p. 66).

Contribuindo para que mantenhamos as palavras das obras de Fanon e Winnicott enquanto letra viva, após o exposto, podemos pensar que nesse perverso jogo da sociedade burguesa de subjetividades petrificadas, o encontro entre dois

seres brincantes que deveriam se ocupar apenas da já árdua tarefa de buscar e construir sentidos pelo mundo é atravessada e barrada pela racialização dos homens.

Como se foi feito da racialização o principal pilar de sustento da sociedade capitalista, o ambiente descrito por Fanon após analisar os efeitos subjetivos dos processos de colonização e acumulação primitiva de capital sob corpos colonizados, diz de um meio que faz nascer uma falsa sensação de independência nas pessoas que o ocupam, já que estamos falando de um ambiente que não sustenta os processos de experimentação e conhecimento de si, mas antes, que visa produzir uma situação neurótica na qual os gestos criativos que impulsionam o movimentar da vida e as descidas até os derradeiros infernos nas contradições das escolhas humanas estejam capturados e tributários do aparecimento do outro, do gesto do outro.

Ao encerrar o corpo negro em uma objetividade esmagadora, o falso self da máscara branca faz com que a experimentação do mundo interno deste indivíduo passe a ser um drama persecutório de si mesmo, já que o desejo por essa máscara culmina em um desejo autodestrutivo

(...) Ao me dar conta de que o negro é o símbolo do pecado, eu me vejo odiando o negro. Mas percebo que sou um negro. Para evitar esse conflito, existem duas soluções. Ou peço aos outros que não deem atenção à minha pele; ou, pelo contrário, quero que se deem conta dela. Então tento valorizar o que é mau – já que, irrefletidamente, admiti que o preto era a cor do mal. Para pôr fim nessa situação neurótica, em que sou obrigado a escolher uma solução doentia, conflituosa, alimentada por fantasmas, antagônica, desumana, enfim, resta-me apenas uma solução: pairar por cima desse drama absurdo que os outros montaram ao meu redor, descartar esses dois termos que são igualmente inaceitáveis e, por meio de um particular que seja humano, avançar rumo ao universal. Quando o negro mergulha, ou, dito de outra forma, desce, algo extraordinário ocorre (FANON, 1952/2020, p.207-208).

Uma das propostas das páginas conclusivas de Fanon na obra de 1952 se mantém como as demais proposições de estilo escorregadio e ambíguo que o autor empregava em seu texto, como analisa o professor Deivison Fautino (2020) no posfácio do livro, que é a de que lhe seja permitido a construção de um novo desejo que aumente o lastro de experiência para além das duas igualmente destrutivas oferecidas pelo self da máscara branca: “Que me seja permitido descobrir e desejar o homem, onde quer que se encontre” (FANON, 1952/2020, p. 242).

Ao descobrir-se um homem em meio a outros homens num ambiente que fere e que convoca a luta, sua proposta é de que um salto para uma nova condição se faz na invenção de uma nova existência, na criação de um novo projeto político de mundo no qual o homem se veja livre de todas as formas de exploração de seu trabalho. Para tanto, para criação de um novo ambiente, para que uma verdadeira liberdade se estabeleça, na qual o negro esteja liberto do arsenal de fantasmas e traumas causados pela situação colonial que são mantidos pela economia capitalista, e para que o branco se liberte de seu arsenal de complexos de superioridade que se apoiaram e se apoiam no genocídio ético, estético e político de tantos povos, a resposta fanoniana é a de que a luta se faz necessária.

É por meio dela que o homem pode se libertar da alienação de sua raça. É por meio dela que se faz possível o cuidado com o verdadeiro self, que permite uma criação viva e infindável de si, espelhada e sustentada por um ambiente que seja suficientemente bom. Em um paralelo, penso que é nessa resposta fanoniana à alienação dos homens que podemos encontrar a dignidade para versar junto à poesia da vida, na dignidade descrita por Winnicott que nos capacita a nos contrapor à submissão diante de um meio de extrema violência e que só pode ser estabelecida diante da criação ininterrupta de si e do mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fanon e Winnicott, ainda que partam de metodologias analíticas distintas, reconhecem o importante papel que o meio cultural desempenha no desenvolvimento subjetivo e emocional dos sujeitos que o compõem.

Fanon parte do princípio da necessidade de construção de um novo projeto político de homem, pois o que se apresenta nas condições atuais denuncia uma situação de clivagem e alienação de si e do outro, que resulta em uma extrema dificuldade na elaboração de um esquema próprio de linguagem, de afeto, de pensamento e de corpo, visto que esse meio, esse ambiente, é um que falha sistematicamente em reconhecer a humanidade do homem. E falha não por um simples equívoco, mas de forma bem estruturada, a partir de um projeto político de dominação.

Winnicott, por um outro lado, considera que a experiência cultural é a tecelagem do que temos de mais propriamente humano, um local onde se é possível compartilhar o legado de nossas experiências, que parte sempre de uma relação de confiabilidade estabelecida nos primórdios da primeira infância e que se atualiza conforme o avanço da vida. Para ele, é esse ambiente cultural o principal fio condutor da coesão psicossomática, e que estabelece, no melhor dos cenários, as condições necessárias para a expressão de um verdadeiro self, que se faz nesse encontro potente entre dois corpos imersos na cultura.

A saúde, nesse sentido, em termos winnicottianos, se dá no desenvolvimento emocional que está intimamente atrelado à maturidade, o que, para o autor, significa dizer que um estado suficientemente bom de saúde está diretamente associado à capacidade que um indivíduo tem de compor com o meio do qual ele está inserido, mobilizando seus recursos que ocupam o espaço potencial, ou seja, a linguagem, a criatividade, as brincadeiras e os sonhos, sejam em favor da manutenção ou para modificação desse cenário (BELO & SCODELER, 2013). Nestes termos, um Ser criativo, que consegue mobilizar os recursos de si que concernem à criatividade, é um que consegue viver com uma certa dignidade diante da dificuldade de se estar vivo e construindo sentidos de si e do outro.

Fanon (1952) também aponta, em seu primeiro material de divulgação científica acerca da alienação do homem, que a resposta para restabelecer a dignidade diante de uma cultura cindida pelas lógicas de dominação mercantilistas

reside na criação infundável de si e do mundo, que apenas se estabelecerá pela e através da luta pela libertação.

Aqui, quando pensamos sobre essa possibilidade de reintroduzir na existência esse caráter inventivo de si e do que nos rodeia, encontramos um ponto que deve ser central para uma psicologia que esteja construída a partir do comprometimento ético, estético e político de lidar com experiências, histórias, trajetórias e narrativas que estejam marcadas pela interdição do reconhecimento humano, a bem dizer, por experiências de discriminação de cunho racistas, machistas e/ou homofóbicas.

Nossa tarefa não é fácil, visto que, quando penso ao lado de Fanon e retomo as incômodas e difíceis sensações que sua obra desperta, sustentar uma escuta que esteja atenta ao gesto alienado do outro implica que necessariamente estejamos atentos à denúncia de nossa própria alienação, seja na nossa figura pessoal de analista, ou no que entendemos como nossas ferramentas de se fazer psicologia.

Se, assim como nos alerta Fanon, o racismo e as demais formas de dominação do homem pelo homem criam uma situação desumana, um desvio existencial, um desejo alienante de si, um solo infértil para os encontros e propício, em termos winnicottianos, a distorções do self, penso que uma das principais tarefas urgentes da psicologia, e que não se restringe apenas a ela, é se instrumentalizar cada vez mais para que seja possível desenterrar os cacos dos espelhos estilhaçados pela interdição colonial, sendo o primeiro passo, e talvez o mais difícil, realizar uma reflexão política que nos permita reconhecer que o sujeito psicológico que nossa profissão sempre, ou pelo menos quase sempre, esteve preocupada em tratar foi o sujeito psicológico que o racismo convencionou chamar de branco.

Que, enquanto psicólogos, trabalhadores da saúde, ou mesmo enquanto pessoas que continuam batalhando pelo direito de permanecerem brincantes, continuemos a analisar, destrinchar e nos posicionar diante desse ambiente patológico que nos compõe e que nos exige nos alienarmos de nossa própria humanidade.

Aos psicólogos, retomo mais uma vez a importância de que nos impliquemos na construção de uma ética clínica que não reduza sofrimentos/sintomas advindos de experiências de discriminação a mecanismos psicológicos e experiências individuais, ainda que a forma com que essas experiências se corporifiquem seja um singular. Pois, ao fazê-lo, estaríamos corroborando a narrativa de objetificação

esmagadora, a redução ao em si do outro e de uma parte de nós mesmos de que nos alerta Fanon.

Para concluir, pensando em termos de uma clínica amparada pelos autores discutidos nesse trabalho, que nos seja possível, enquanto analistas qualificados, cultivar um espaço potencial de brincadeiras que mobilizem a criatividade e a imaginação em favor de uma experimentação de si e do mundo mais prazerosa, produzindo um novo registro de mundo no qual seja possível acolher a existência de um self criativo enraizado em um novo humanismo.

E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução.

Conceição Evaristo.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Thales. **Winnicott: Experiência e Paradoxo**. São Paulo: UBU Editora, 2021
- A.-M. ARCANGIOLI. Introdução à obra de Winnicott. *In*: A.-M ARCANGIOLI et al. Nasio JD. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Transmissão da Psicanálise 41** Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1995. p. 177-183.
- AMENDOEIRA, Paola. Olhares Negros nos Importam: O Paradigma Virgínia Leone Bicudo. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v.54, n. 2, p.241-249, jun 2020. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000200016>. Acesso em: 13 Mai, 2022.
- BELO, Fábio; SCODELER, Kátia. A importância do brincar em Winnicott e Schiller. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 45, n. 1, p. 91-101, jun. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 jun. 2022.
- BIZARRI, Maria Luiza. Considerações sobre alguns aspectos da técnica na clínica de Winnicott. 2010. Tese (Mestrado) - Pontífica Universidade Católica de São Paulo, p. São Paulo.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso Sobre o Colonialismo** (1950). Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.
- COOBAN, ANNA. Fortuna de bilionários do mundo cresceu 60% durante a pandemia. **CNN Brasil**. 2022. Disponível em:< <https://www.cnnbrasil.com.br/business/fortuna-de-bilionarios-do-mundo-cresceu-60-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 23 Fev, 2022.
- DIAS, Elsa Oliveira. A trajetória intelectual de Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 111-156, jun. 2002. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100004&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 17 jun. 2021.
- DURÃO, Gustavo. Frantz Fanon, um escritor múltiplo: trajetória intelectual, formação cultural e movimentação política. **Odeere**, v. 1, n. 1, p. 100-119, 2016.
- FANON, Frantz. Da Violência. *In*: _____. **Os Condenados da Terra** (1961). Tradução de José Laurênio de Melo. v. 42. Rio de Janeiro. 1968. p. 23-75.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** (1952). Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon:: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. **SER Social**, [S. l.], v. 20, n. 42, p. 148–163, 2018. DOI: 10.26512/ser_social.v20i42.14288. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14288. Acesso em: 6 jan. 2022.

FAUSTINO, Deivison Mendes. “Por que Fanon? Por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Pós-fácio. In: FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas** (1952). São Paulo: Ubu Editora, 2020. p.245-263.

FAUSTINO, Deivison Mendes. SARTRE, FANON E A DIALÉTICA DA NEGRITUDE:. **EntreLetras**, v. 11, n. 2, p. 74 - 101, 11 out. 2020. Disponível em:<>. Acesso em 20 de abr. 2021.

FERREIRA, Jr Avimar . A Inexistência de Bonecos Negros na Psicologia: Alienação e Racismo no Atendimento Clínico Infantil. In: Concurso “Negros na Sociedade e na Cultura Brasileira” pelo **Centro Afro-brasileiro de Estudo e Extensão, da PUC - Goiás**, 2004, Goiás. Anais: ... Goiás: PUC - Goiás, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249993034_A_Inexistencia_de_Bonecos_Negros_na_Psicologia_Alienacao_e_Racismo_no_Atendimento_Clinico_Infantil. Acesso em: 2 Dez. 2020.

FRANKLIN, Kirk J.. How can the Reformation's focus on faithfulness to Scripture inspire us for mission?. **Herv. teol. stud.**, Pretoria , v. 74, n. 1, p. 1-9, 2018 . Available from <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0259-94222018000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Jan. 2022. <http://dx.doi.org/10.4102/hts.v74i1.4817>.

FULGENCIO, Leopoldo. Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. **Estilos da Clínica**, v. 19, n. 1, p. 183-198, 2014. Disponível em : <<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/81009>>. Acesso em 23 Fev. 2022

GALEANO, Eduardo. *Tempo que Diz*. In: **Bocas do Tempo (1940)**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2004, p.7

GUIMARÃES, Marco Antonio Chagas; PODKAMENI, Angela Baraf. A rede de sustentação coletiva, espaço potencial e resgate identitário: Projeto mãe-criadeira. **Saúde Soc. São Paulo**, v. 17, n. 1, p. 117-130, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000100011&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 15 Dez. 2020.

HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. Joan Riviere. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 50, n. 92, p. 251-264, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352017000100020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jan. 2022.

JONES, Manoel. A humanidade partida: reflexões fanonianas sobre a pandemia. **Boitempo**. São Paulo, Jun. 2020. Disponível em:<<https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/02/a-humanidade-partida-reflexoes-fanonianas-sobre-a-pandemia/>>. Acesso em: Fev.2022.

KHAN, Masud. Introdução (1984). In: **Da pediatria a psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000. p. 11-54.

LUSTROZA, Zétola Rosane. O discurso capitalista de Marx a Lacan: Algumas consequências para o laço social. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p41-52, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/Bs8QQF7CpWRtNJ36zYrpbKh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: Abr. 2022

MAIA, Kenia Soares. **Nascer e crescer negro no país do branqueamento: os efeitos do racismo na subjetividade infantil**. 2019. Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46588/46588.PDF>. Acesso em: 17 dez. 2020.

PINTO, Jr Antonio Augusto; DA SILVA, Samantha Machado. O adolescente em conflito com a Lei e a Tendência Antissocial: Compreensão e Intervenção à Luz da Psicanálise Winnicottiana. **Revista Brasileira de Adolescência e Conflitualidade**, n.17, p. 82-89, 2018. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/adolescencia/article/view/4618>. Acesso em: 22 de dez, 2020.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR (REDE PENSSAN). **VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Rio de Janeiro: Rede PENSSAN, 2021. Disponível em: <http://olheparaafome.com.br/> Acesso em: Fev. 2022.

SILVA, Cláudia Yaísa Gonçalves da. **Nas batidas do rap, nas entrelinhas dos versos: uma reflexão winnicottiana sobre o amadurecimento infantil**. 2016. Dissertação (Doutorado em Psicologia clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16082016-105944/en.php>. Acesso em: 25 nov. 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. Desenvolvimento emocional primitivo (1945). In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria a Psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000. p. 218-253.

WINNICOTT, Donald Woods. Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro Self (1960). In: **O Ambiente e os Processos de maturação (1979)**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983, p.128-139.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar e a realidade (1971). Tradução de José Octavio Aguiar de Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: **Imago Editora Ltda** (Coleção Psicologia Psicanalítica), 1975. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2017/10/O-brincar-e-a-realidade.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. O conceito de falso self (1964). In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa (1986)**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martin Fontes Editora, 2005. p. 53-58.

WINNICOTT, Donald Woods. Vivendo de um modo criativo (1970). In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa (1986)**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martin Fontes Editora, 2005. p. 23-40.